

fenômenos literários são por natureza singulares, ao passo que há estatística onde há repetição. A unicidade é o traço irreduzível de todo fenômeno literário. Contudo, de todo fenômeno puramente estatístico. A beleza, que é o domínio próprio das artes estéticas (poemas, pinturas, esculturas etc.), não deixamos aqui de considerar as artes liberais e as artes técnicas, uma das quais é a estatística.

(Continua na pág. seguinte)







# NOITADA

Conto de TRISTÃO DA CUNHA



— Esta é a verdadeira história do desembargador Pelu, que teve grandes surpresas.

Chamava-se Pelu de Jesus. Era discreto e de boa casa. Amava a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. A saber: pouco, pois, antecio e pessimista, era tédico em tudo. Duma bondade circular, andava a passiva, incapaz dos riscos, as vezes cruéis, da condade ativa, tolhido pelo receio de fazer mal, vivia de abstenções. Padecia muito de escrúpulos. O longo ofício de julgar ensinara-lhe a não julgar, mostrando-lhe a irresponsabilidade do homem, servo das convenções ou dos próprios instintos. Ele porquê, atingido o termo legal, apontara-se, para não ter de condenar mais ninguém.

De uma saúde intacta, andava perpetuamente perseguido pelo receio de a perder. Refletia que o seu não dá sem tomar. Parecia-lhe que esta ausência de males implicava a ameaça dalgum mal temeroso e vago. E assim a sua robustez era o seu tormento. Chegou a desejar algum incômodo ligeiro, propondo mentalmente seminações aos fados: um pequeno kinto abacão, uma bronquite crônica e repoussada, qualquer impedição que o trouxesse quieto por esse lado. Chegou a invejar ao desembargador Pedra um defeito desairoso, de que falava às vezes discretamente.

— Meu bom e excelente amigo, este insignificante sofrimento físico, com que a Providência o visita, é sinal de favor. É de algum modo o prelo da saúde. Está paga a sua taxa, e é módica. Não corre o meu preado colega o risco de uma cobrança maior como eu. Tem um cuidado deficiente e limitado, e não vive na ansiedade de cuidados inserios, que não tem número.

— Pois, preado colega, tornava o outro irônico e cortez, si lhe apetecia, faço-lhe presente desta preciosidade, que não me dá poucas canseiras.

E estimulando com o assunto, confessou que certa vez fora onde não devia ir, mas appareceu um rapazinho esportivo e ábrio, o qual quebrava a louca e o expusera a muitos vexames, fugitando-o da vista trustrada.

Dizendo estas e outras coisas, impróprias de sua idade, como não acontecer quando velhos abordam matéria defusa, vieram a repartição dos bens foi mal feita, a dos males também não foi bem pesada. E o desembargador Pedra aconselhou ao preado colega que abandonasse ambições nesse terreno, pois sempre o mal engendra o mal, e a geração iniqua não tem fim.

O duende nosológico não largava o desembargador Pelu. Mostrava-lhe todas as possibilidades das epidemias, os osos que entram subrepticamente e se vão encravando nalgum epíteto essencial, dosagens funestas de farmácia e de cozinha e a eterna disputa sobre as escolas médicas.

Como não se pertencia a si mesmo e sim a um vago complexo de obediência nunca examinado, seu virtuosismo automatismo ignorou sempre a revolta e a luta, as grandes paixões e as grandes idéias.

Estudou por inércia, por inércia desposou uma parenta, ao sabor de conveniências de família. Mas não conheceu nunca a volúpia nem as alegrias corporais. Do corpo sobre os os encargos, particularmente áridos no seu caso, pois a esposa era pobre de dotes físicos. E logo ficou viúvo, sem prole. Desde então cobriu-se de panos de dó, morou na solidão. Seus raros delírios, todos anseios e judicio-

ramente estuantes, deixaram-lhe apenas despropósitos. E desolado, sem desgosto preciso, incolou na alma como na roupa, lá arrastando pelas ruas a sua polidra triste e seu fraco vitalício, o seu guarda-chuva desentolado, a sua gravata de elástico. Se topava conhecido, sem parar, apertava-lhe a mão, inqueria da família, depois, já de costas para o outro, alevava o chapéu mole, polegar dentro da copa, deda mínimo espiado no ar, e saudava gravemente o espaço.

Enquanto trabalhava, ofício público de paga escassa e lazeria pouca, fora adiando o seu sonho. Que ele o tivera, secreto, e rico, e ainda alguma vez era visitado por ele. Mas já agora sabia que o não viveria mais. E recatadamente nunca disse. Os outros cuidavam que ele era o que mostrava.

Esse desejo central e imperioso fora o de se tornar um historiador poeta, um novo Michellet. Deitava de longos anos a tentativa. Observando que convém antes de tudo ornar o espírito e preparar os utensílios, cercou-se de livros e leu bona autores. Frequentou léxicos e gramáticos. Penetrou nos segredos do Estilho e do Anacoluthe. Verificou que há vários estilos, desde o sublime até ao familiar. Não esqueceu que do sublime ao ridículo há um breve passo, ao que mostrou passagens idôneas, tiradas de Corneille... Interrou-se de Tene, da Chreze e da Catachreze. Item do Chisama e do Anacoluthe. Exercitava-se pontualmente a horas certas. Não deixava dia sem linha, como fol recordado. E ao cabo de tanta diligência descobriu que nunca saberia escrever.

Compreendeu que, havendo renunciado à prosa natural, teria de ver fugir-lhe também a espiritual. E caiu em grande malandole. Nela viu encontra-lo o homem que a situação dos contrários destinara para seu melhor amigo, o comendador Rebuças, da firma

Bouças e Rebuças, cujos feitos mercantis e civicos o tinham promovido àquele Gotha dos Secos e Molhados, cuidadosamente recrutado por Sua Magestade Fidelissima, o qual prosperava paralelamente aos sobrios fidalgos de D. Pedro II. Gastrônomo, xopístico, de uma sexualidade elemental, era capaz de simpatias ruidosas, e o mostrou ao desembargador, nos seus dias mais vastos, acabando por conquistar-lhe certa intimidade, nascida do tedio do abandono, da nativa passividade sentimental da gratidão, e um pouco de uma obscura admiração por suas façanhas específicas, excedentes à capacidade do velho magistrado. Seriam ambas peças complementares no misterioso jogo da vida.

Com o fito de distrair o amigo, quis logo o comendador mobilizar os unicos recursos que supunha adequados. Projeto levá-lo às revistas, aos cabarés, aos passeios noturnos com mulhetes. Mas percebeu que não devia atropelar uma sensibilidade que sentia diferente da sua, e de qualidade respeitável. Contentou-se em conduzi-lo aos estíctos de atmosfera equívoca, onde a licenciosidade apparecia amavelmente mascarada. Mais de uma vez tentou induzi-lo a ir jantar em companhia da própria mulher adventícia. Ao que o desembargador reatista com urbanidade.

Um dia sucederam grandes coisas. Foi sabido entre os interessados que o comendador subornara a chamada Venus de Cienfuegos, e passara a viver com ela. Esta senhora inculcava-se progenie clandestina do capitão-general Don Gaudencio Topet y Bastiela e bailava n'a num paleo, levando loucura aos moços como aos velhos e ananias às famílias. Acarretou vários divórcios, "a mensa el toro" (permittido pelo Código Civil). Por sua causa alguns menores românticos desceram da vida e b-b-am desinfectantes.

A união prolongou-se. Apasiguada, a dançarina foi-se mostrando fiel ao comendador, ou por sentimento, ou por cálculo, ou talvez simplesmente porque a fidelidade estava nela. Instalaram-se numa situação semi-conjugal. Para os mais da continuou a dançar, mas não a amar.

A relativa regularidade da nova ligação, não menos de uma terrível curiosidade, aplicou um tanto os escrúpulos do desembargador, o qual, depois de muito insalado pelo amigo, anuiu em ir à casa furtiva.

Na data prefixa, em camarote resguardado, assistiu palpitante à exibição da Venus de Cienfuegos, sob a furiosa agitação que provocava no teatro superlotado. Ante a aparição embragadora seus velhos osos doeram de desejo. Mas o ambiente mercenário, pornográfico, a obscenidade do público, esmagaram-lhe a prelibada contemplação estética. Refugiou-se na esperança de que possivelmente a arleta na intimidade daria aos seus escolhidos uma repetição honesta.

Ao sair, muito perturbado pela vido afrodisiaca, teve uma ideia corria e exultante. Adquiriu umas flores para oferecer à dançarina. Em segredo, por entre o turbilhão dos rotâmbulos, tremendo de ser reconhecido, lá se foi ao encontro na Lapa.

Mais de uma vez esteve para renunciar, tais os susos da jornada. Mas aqui valeu-lhe a sua perfeita civilidade. Tinha prometido, sabia que o esperavam, havia de ir. Continuou resolute, e um tanto melancólico.

Pelo caminho cruzou bandos de griseiros risonhos e loquazes, que o provocavam, e ele, irritável na sua virtude, afirmava como sempre ouvira afirmar:

— São umas infelizes. Quando, com infinitas cautelas, à guisa de réu fugido ao clamor público, logrou meter tremulamente a chave que o comendador lhe confiara, esquivar-se e fechar de novo a porta, parou para conter o coração e recobrar o fôlego. Esteve algum tempo antes de poder subir para o aposento, no primeiro andar onde o outro o recebia cordialmente, apresentando-o à estrela, a quem chamava apenas Soledad.

O visitante, intimidado, gago, ainda mais se desconcertou quando percebeu a intimidação da mulher, tão grande quanto a dele. Estendeu-lhe o ramalhete, que ela recebeu, balbuciando:

— Muy amable! Muy amable! E nenhum achava o que dizer. Porém, o comendador atropelou-o afetuosamente, trouxe-lhes taças cheias, forçou o caro amigo a beber um trago. Entretanto, a Soledad, alegando, não sem fraude, forte resfriado ("un gran constipado", pronunciava), vestira-se herméticamente, desbaratando os projectos reconditos do convidado. Foram cessar. O desembargador

cala de surpresa em surpresa. Depois da confusão inicial da estreia, houve encontros não menos interessantes. Comendo, com modica máscula, a Venus de Cienfuegos, esquecia-se do hospede, discutia, rancorosamente com o outro, complicada questão judicial, orlunda de interpretações do seu contrato profissional, insistindo em promover sanções físicas ao empreitador, e em sustentar que o direito não podia ser o que lhe diziam. O visitante, atordado, mal conseguia crer na realidade. Viera como quem busca, meio penitente, pondo a alma em risco, o reino da Serpente, um país de pecado e gozo, cheio de atrações malhas e perigosas. E achava-se num círculo pequeno-burguês, entre moços sem caráter, e espiritos adalpiados aos moveis.

Terminada a ceia, e posto que muito mortificado, achou que seria indivil sair logo. Ao demora, ouviam-se os ruidos desconpostos de fora, e parecia-lhe que nunca ousaria afrontar aquela noite impudica.

Tornando à sala, a Soledad entrou a manipular as cartas do jogo, para informar-se da sorte do seu litigio, enquanto o comendador, super-alimentado, dormitava, e o desembargador folheava os magazines. Logo que aquele despertou, disse ao amigo, com riso sagaz:

— Nós estamos cansados, e vamos-nos a dormir. Mas a ran é sua. Se quer esperar o fim da desordem, continue a ler as suas revistas. Quando sair, é só apagar a luz e bater a porta de baixo. Mas só quando quiser. E aqui não há segredo. Pode olhar, ler, e até ouvir tudo.

O desembargador despediu-se, agradeceu a hospedagem, e foi descendo a passos medidos enquanto os outros desapareciam. Mas, ao entreabrir a porta da rua, observou que ainda havia uma multa gente, e gente desbragada. Valendo-se da oferta do hospede, remontou pé ante pé, acendeu a lâmpada discreta e dispôs-se a aguardar a bonança.

Vistos os magazines, quis ler. Encontrou "La Terre" de Zola, abriu o volume ao acaso, porém a mais escatológica do autor, e seu grosseiro anti-clericalismo, revoltaram-no. Não podendo dormir, deliberou evocar casos antigos, seu exercício favorito, e o rio da memória, perverso e impuro, deixava submergir os diámanthes, e restituía apenas escórias. Momentos de harmonia altos pensamentos, palavras suaves, desaparecidas no abismo do olvido, deixavam caminho à tosse. A banalidade à inutilidade. Merecia desta eleição invertida, os fantasmas vertais do seu passado renascerem, da sua carreira social apagada, invadiram-lhe o campo da visão interior.

— Aos costumes disse nada... E mais não disse nem lhe foi perguntado... Por estes motivos, e o mais que dos autos consta, a Visitação Mirabeau Praxedes da Visitação, vulgo Cal Nagua (Cal Nagua por quê?) da acusação que lhe é feita, e mando que a sua favor se expere alvará de soltura, se por aí não estiver preso... se por aí não estiver preso: precaução necessária, pois nem sempre o infrator se contenta de um só atentado). A Vossa Excelência, Sr. Dr. Mendes Bineiro, Juiz Substituto da comarca de Itabora de Mato Dentro, faço saber que por este Juizo e Cartório se processam uns autos (dantes diuamos buna autos...) E em Vossa Excelência assim cumprindo e fazendo cumprir fará justiça às partes, servirá a Republiça, e a mim, sendo de certo tanto a lei, sendo deprecado. Exorte este: de veremnos cortesia e todos, mesmo mais novos e subordinados... Dado e passado nesta Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, Capital Federal da República dos Estados Unidos do Brasil, ao primeiro dia do mês de Junho do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil e novecentos... (Alguns Jacobinos não pretendem que as datas por extenso beneficiem só aos escrives). Sem dúvida, por influência dos acontecimentos da noite, que produziram grandes terremotos na sua consciência de abetismo, exhumando e exasperando os venenos de impulsos recalescos, o que mais o perseguia eram reminiscências das Ordenações do Reino, com a sua implacável casuística sexual: "Dos barrigueiros casados e suas barrigas": a todos cominada a pena pecuniária de três mil réis. Ao "homem que entra em Mosteiro e tira freya" guardava degradado perpetuo para o Brasil. Igual castigo para "o que dormir com sua thia" (Sempre achara exultante escreverem-lhe em vez de tia). Os que praticavam pecados nefandos seriam "felizes por fogo em pó". Deu-se de outros dispositivos. Que não



# Notícias literárias

# NOTAS DO TEMPO

**1** O sr. Gilberto Freyre anuncia para breve diversas edições dos seus livros. E' assim que na "Coleção Documentos Brasileiros" da Livraria José Olympio, tem ele anunciado: "Casa Grande e Senzala", em edição definitiva; "Ordem e Progresso"; "Sociologia"; "Perfili de Euclides e outros parais"; "Pessoas, coisas e imagens"; "Gua prática, histórico e sentimental da cidade de Olinda", 2.ª edição; "Gua prática, histórico e sentimental da cidade do Recife". Também se anuncia do brilhante escritor o aparecimento de mais dois livros — "Aventura e Rofina" e "Um Brasileiro na Espanha".

**2** A Coleção Documentos Brasileiros está em vespas de fazer aparecer a História da Literatura Brasileira, de Silvio Romero. Será a terceira edição do livro, organizada agora por Nelson Romero. A obra surgirá em quatro volumes, sendo que o último será a reunião de vários artigos publicados em épocas e lugares vários, e que o grande crítico parecia já destinar a formar um todo com o seu monumental trabalho anterior.

**3** José Montello, o autor de "Janelas Fechadas", que tanto tem dado que fazer aos leitores, pois tem sido apontado ora como um romancista notabilíssimo, e ora como um contador de histórias sem maior mérito, anuncia o aparecimento de mais três livros. São dois romances — "Sobrado" e "Cidade Iluminada" e um ensaio de crítica e biografia sobre Aluísio Azevedo.

**4** Alvaro Lins, o brilhante crítico de Eça de Queiroz, que triunfalmente assumiu, há cerca de um ano, a coluna de crítica do Correio da Manhã, vai publicar em volume os seus ensaios semanalmente aparecidos naquela folha. A Livraria José Olympio fará essas edições, que anualmente encerrarão os trabalhos do erudito ensaísta literário. Também Alvaro Lins está preparando um livro sobre o Barão do Rio Branco, que, a julgar do plano traçado, será um monumento erguido à grande memória daquele homem de Estado e diplomata brasileiro.

**5** Aluísio Napoleão, que acaba de dar aos estudiosos da história do Brasil um livro com o título de "O Segundo Rio Branco" — "O homem e o estado", promete levar a diante os seus trabalhos acerca de esta sugestiva figura. Está agora preparando um volume, intitulado "As missões, o Amapá e o Acre".

**6** A Companhia Editora Nacional, na sua coleção Brasileira, anuncia as seguintes próximas publicações: Augusto de Saint-Hilaire — "Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil" em dois tomos, tradução de Leonam de Azevedo Penna, e padre Antonio Colbachini. Os Bororás Orientais (Orarismos) de São Salustiana de Mato Grosso para o Estado da Geografia Brasileira; Aníbal Matos — A raga da Lagoa Santa, edição ilustrada; Sampaio Correia — Rumos de Prometeus, em dois tomos; Euzébio de Castro — Ensaio de Geografia Linguística, 2.ª edição; Carlos Rubens — Pequena História das Artes Plásticas no Brasil.

**P** ENSO nos títulos dos contos e romances de hoje: "Stela me abriu a porta", "Boa noite, Rosa". "Olha para o céu, Frederico!" Tendem para o céleste, justificável em face das condições da vida moderna, que tem pressa e sugere pouco. Títulos clássicos, como "A filha do espelho", de Fuchkin, já não seduzem o escritor nem atraem o público. Entretanto, é para eles que vai a minha simpatia, já que a minha curiosidade se detém nos outros. Para esses títulos ("A abedezada de Castro", "As minas de prata", "O cortiço"), que apenas nos informam da condição de um personagem ou do ambiente em que a história se desenvolve, mas que deixam o leitor perfeitamente livre de imaginar todas as possibilidades para depois conferir com o texto. Títulos secos, de uma banalidade voluntária: existências; a dizer indiferentes, se não percebemos neles a reserva e a solitude discreta dos velhos criados, que em silêncio nos escovam o paletó, nos servem a mesa. Sentimos que são solidários conosco, sem necessidade de qualquer manifestação oral.

Penso no título do romance de Yan de Almeida Prado: "Os três sargentos", que me agrada muito; e verifico que já não tenho vinte anos.

Sim, deve ser o tempo. A medida que envelheço, vou me desfazendo dos adjetivos. Chego a crer que tudo se pode dizer sem eles, melhor talvez do que com eles. Por que "noite solitária", "noite solitária", "profunda noite"? Basta. O frio, a solidão, a profundidade da noite estão latentes no leitor, prestes a envolvê-lo, à simples provocação dessa palavra noite.

O equívoco entre poesia e povo já é demasiadamente sabido para que valha a pena insistir nele. Denunciemos antes o equívoco entre poesia e poeta. A poesia não se dá, é herética ou inhumana, queixam-se por aí. Ora, eu creio que os poetas poderiam demonstrar o contrário ao público. De que maneira? Abandonando a ideia de que poesia é evasão. E aceitando alegremente a ideia de que poesia é participação. Não basta dizer que já não há torres de marfim; a torre de marfim desmoronou-se pelo ridículo, porém muitos poetas continuam vendo na poesia um instrumento de fuga da realidade ou de correção do que essa realidade oferece de monstruoso e de errado. Desenvolve-se então entre eles a linguagem citrada, que nenhum leigo entende a que se utiliza o equívoco já celebre entre poesia e povo.

Participação na vida, identificação com os ideais do tempo, se esses ideais existem sempre, mesmo sob as mais sordidas aparências de decomposição, curiosidade e interesse pelos outros homens, apete sempre renovado em face das coisas, desconfinância da própria e excessiva riqueza interior, eis aí algumas indicações que permitirão talvez ao poeta deixar de ser um bicho exótico para voltar a ser, simplesmente, um homem.

André Maurois conta que na casa dos pais de Tourgeniev, em Spasskoie, se manipulava tudo o que era necessário à vida da família. A casa era fábrica e celeiro. Como não lembrar a velha casa mineira, de que descendo, em que nunca havia instaladas oficinas e serviços diversos, e na qual se preparava tudo que se fazia mister para a vida no interior mineiro, vida acidentalmente simples mas na verdade cheia das exigências da classe social em que minha família se integrava? Se os gêneros alimentícios vinham da fazenda próxima, o pão, o doce, o chapéu, o sapato, a roupa eram fabricados ali mesmo, sob os olhos vigilantes de d. Joana, por uma multidão de escravos especializados nos diferentes ofícios. Do bulício dessas casas cheias de trabalhadores pretos e mulatos já não chega mais aos meus ouvidos nenhum eco, nenhum murmúrio de queixa ou revolta. Apenas o barulho das mãos, o refrão das ordens. Tudo o mais ficou longe, ficou em Spasskoie como no passado minero...

O gênero "literatura infantil" tem, a meu ver, existência duvidosa.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

## A'MARGEM DOS "PAISES INEXISTENTES"

O descobridor traçou com o maior carinho o perfil do grande oceano não analisado nas geografias. Meteu uma sonda empastada por um príncipe até o dorso deitando dos peixes mais profundos que haviam sem os oceanógrafos saber, abriu um túnel pelo centro da terra, comunicando antipoda com antipoda. Escapando à perseguição de monstros marinhos, dizem que canoas tinham mergulhado com um folego tão seguro perjurando as vagas, que não reconhecendo mares fechados nem primitivos de nenhuma esquadra, surgiram em determinados países inexistentes. A verdade é que estes mergulhadores tinham andado bebido à flor das águas, no começo dos mares, o sopro que desde o início pairava sobre as ondas.

Porque países inexistentes só os poetas podem descobrir; e se Múcio Leão nos dá notícia destes países, é porque necessariamente ele construiu seu barco, e nós sabemos como o barco de um poeta se transforma de tal modo ao seu corpo e ao seu sangue que tudo se transforma por uma alquimia divina em madreperla de concha flutuante. Por vezes parece um veleiro, realmente um barco cujo arcaibonco interno é o poeta mesmo. O trabalho de construção é que foi um prodígio de interiorização para segregar de suas células a carapaca de deuses e de isolamento. Não bem isolamento; pois vede que os tentáculos e as antenas sondam a extensão infinita do oceano. E repara bem o naturalista, que todas estas preocupações, este afã de construir sua espiral resulta em ser concha, em se agrupar, em edificar um arcaibonco flutuante que o vento impelirá na maré cheia, boiando leve como um barco encalhado.

Então vamos preparar os gritos de aboragem!

Afinal é uma viagem fora do mundo? Não, tudo é aqui mesmo, mas tudo é visto com uma outra dimensão. Enxergam-se águas desaparecidas e as praias que cobrirão os desertos d'água a cem anos. Um dia Henri Michaux realizou sua viagem "En Grande Carabagne" e verificou que o homem capaz de concluir uma experiência poética, há-de chegar, alojado ou flutuante, há-de chegar, há-de chegar.

O destino poético de Múcio Leão era para se esperar mais hoje mais amanhã. Ainda em 1927, quando periprava a consolidação do modernismo, as suas palavras de acolhida e compreensão da poesia saudavam os poetas que surgiam diferentes das outras gerações. Ainda me lembro de um longo artigo que me saudava um caderno de poemas que a editora "Casa Trigueiros" de Maceió De enviara. Neste momento, é grato ao poeta criticado em 1927 se encontrar no reboto da mesma espiral com o poeta que sempre existiu dentro do crítico. Para se atingirem os países inexistentes, deixam-se nos caminhos as Rosas dos Ventos, pois no próprio vó é que está a regra. Podem cortar todos os

Haverá música infantil? Pintura infantil? A partir de que ponto uma obra literária deixa de constituir alimento para o espírito da criança ou do jovem e se dirige ao espírito do adulto? Qual o bom livro para crianças, que não seja lido com interesse pelo homem feito? Qual o livro de viagem ou aventuras, destinado a adultos, que não possa ser dado à criança, desde que vaado em linguagem simples e lúcido de matéria de escândalo? Observados alguns cuidados de linguagem e de ciência, a distinção preconcebida se desfaz. Será a criança um ser à parte, extranho ao homem, e reclamando uma literatura também à parte? Ou será a literatura infantil algo de mutilado, de reduzido, de desvitalizado. — pobre coisa primária, fabricada na pressa, de que se deita à infância é a própria infância? Se não o sadismo botânico dos jantares de miniaturas de árvores, com que se diversifica o jardim botânico dos jantares, não são organismos naturais e plenos; são andes vegetais. A redução do homem, que a literatura infantil implica, dá produtos semelhantes. Há uma triste comédia no espetáculo desses cavalheiros amáveis e dessas senhoras não menos gentis, que, em visita a amigos, se detêm a conversar com as crianças de colo, estas inocentes e graves, dizendo-lhes toda sorte de frases em linguagem infantil, que vem a ser a mesma linguagem de gente grande, apenas deformada no final das palavras e enfeada na pronúncia. Essas pessoas fazem oralmente e sem o saber, literatura infantil.

Morte de E. B. G. Não era meu amigo, mas conheci-o bastou para que a notícia, dada pelo rádio, me comovesse. Indo para o trabalho, passei na casa de saúde onde estava o corpo. É uma casa de saúde onde morrem muitos doentes — ou que nos dá a impressão disso. Não conheci ninguém da família, pedi a umas enfermeiras, e o caixão veio, que me guiassem. No necrotério, entre algumas corças, o caixão veio e o morto de rosto velado. Sobre logo que a morte resultara de atropelamento por automóvel. Vendo E. morrer gradativamente, nas vagas em que me procurava, a notícia surpreendeu-me. Como se a morte por atropelamento não estivesse certa. "Foi um carro oficial", murmurou uma das senhoras presentes — e essa revelação me deixou grato, como se o fato de também eu utilizar-me de carro oficial e tê-lo parado ali no jardim fizesse cair sobre meus ombros a responsabilidade do desastre.

O corpo estava vestido de preto; creio que envolto numa beca; sobre a bola do ventre, o capelo, preto e vermelho, tinha alguma coisa de grotesco. O mesmo grotesco que em vida caracterizava esse homem estranho, cor de cobre, cabelos brancos, rosto pequeno como cabeça de alfinete, sobre o abdômen imenso e de difícil transporte.

Vivia num mundo esvaído, o mundo de seu lin, o grande porta B (anterior à primeira guerra mundial). Para o sobrinho, todos os contemporâneos eram necessariamente burros, exceto eu, de quem necessitava para manifestar-se, sabido que o monólogo diante do espelho não consola e cada um de nós é um pouco deputado à procura da Câmara. Tinha sempre o ar suspeito de quem viesse pedir-me dinheiro emprestado. Nunca pediu. Satisfazia-se com livros e magoava-o não ganhar esta ou aquela publicação oficial, que estivesse sendo distribuída. Empreendia vagos estudos históricos, tendentes à exaltação dos heróis e assumia um tom confidencial no narrar-me as aquisições de obras raras, nos "sebos" da rua S. José.

Numa de suas últimas visitas, impressionou-me a cavidade entre o paletó e o busto. A roupa cala em dobras frouxas, denunciando um abismo. Lá em baixo, o ventre se arredondava, como um tumor. Puxou o paletó, para a frente, segurando o pelo botão central e eu pude ver que entre o peito e a roupa havia apenas o vazio. Emagrecera não sei quantos quilos depois de uma operação e devido a regime. As roupas talhadas para o homem anterior, sobravam-lhe no corpo. Dava a impressão de que, do tronco para cima, estivesse vazio. Era espantoso, desse espanto cotidiano que nos visita um minuto para depois perder-se no rio do dia. Muitas das pessoas com quem conversamos no trabalho ou na rua parece não terem outra função além desta, de (torçamos a uma breve excursão pelo mistério, através do ridículo. Devemos amar tais criaturas.

cabos e apagar todos os faróis: o poeta vai direitinho para a sua estrela. Em 1927 o crítico descobria no poeta uma predestinação mística: em 1941 o poeta enxerga em seu companheiro de sempre esta presença supracitada e indefinível que é o toque da grande poesia.

Nos "países inexistentes" há um poema que eu quero destacar

Se eu quizesse poder atribuir-te uma forma precisa, como essa forma perfeita, de que te revele em tua viagem entre os homens,

Se eu quizesse poder descrever-te concretamente, como descreveria qualquer outra mulher, reduzindo a algumas palavras cada uma das tuas feições, cada um dos teus órgãos, cada um dos teus gestos.

Mas é difícil para isso é que não te atribua nenhuma forma precisa.

Vejo-te, antes, oculto e difuso, num mundo de aspectos difusos e ocultos.

Es nobre de id, pedaço de nuvem, onda susurrante do mar, trecho de água límpida de rio, fimbria cor de rosa da alvorada, a sorrir além das montanhas e a doirar o mar.

Como, então, atribuir-te uma forma precisa?

Sei que tens o corpo deslumbrante, talhado em linhas geométricas. Sei que o teu ventre, os teus seios, o teu flanco constituem claras lições vivas de harmonia e de perfeição.

Sei tudo isso, e sei outras coisas também, de teu corpo, e, sobretudo, de tua alma.

Sei, por exemplo, como é doce o balbúcio dos teus longos desejos, nas horas em que o sonho desfez rosas impalpáveis sobre a tua voluptuosa inquietude.

Mas, ainda assim, conhecendo-te e amando-te, não te posso atribuir nenhuma forma precisa, oh! tu, que és imponderável como as distâncias, sem remédio, remota e casta como a neblina que vela as estrelas e a noite.

Não há dúvida que estamos em frente à tragédia sentimental da face perdida. A procura desta face é das maiores angústias do poeta. Possivelmente esta face de Musa vem de longe, e por isso não lhe podemos dar nome.

Continua na página seguinte

(Continuação da pág. anterior)

# BALADA A PHILIP MUIR



Philip Muir cruza o Atlântico em seu navio.  
Nem almirante nem corsário: copeiro inglês.  
Pele de nacar, pintas de ouro, cabelo ruivo,  
Philip Muir, de brancas unhas, corredo e esguio,  
é um puro lord, pelo silêncio e pela altivez.

Diz-me "Good evening", endireitando-me a cadeira  
Espera as ordens. Não fita os olhos em ninguém.  
Após dois dias, conhece todos os meus gostos  
à mesa. E apenas corre com o olhar a lista inteira  
da sopa à fruta. Nunca se esquece do "chow mein".

Do lado do norte, há sangue nas águas do Oceano.  
E do lado de leste. E nas terras. Sangue inglês.  
E por baixo do mar andam as sombras sem passos..  
Philip Muir, no meio do desastre humano,  
serve champanhe, hoje. Amanhã, seu sangue, talvez.

Diz-me "Good night" endireitando-me a cadeira.  
Mais tarde, na noite, acende seu cachimbo e vem  
ver as estrelas nascendo do amargo horizonte,  
— ilhas dormentes, que o vento embala a noite inteira...  
e muitas cenas — tão diferentes! — mais além.

Nenhum soldado será mais grave nem mais frio  
que Philip Muir, si ainda chega a sua vez.  
Coberto de lama, sangue, injúria, dor e morte,  
Philip Muir partirá num outro navio,  
navio de nuvem, mas com mastros de altivez.

Nem duque nem lord: um simples homem da Britânia.  
Nem almirante nem corsário: copeiro inglês.

O viajante chegou, e com certeza pouco se vai demorar  
Não se zanguem com ele, portanto,  
não o maltratam,  
não blasfemam contra ele.  
Deem-lhe uma codena de pão,  
deem-lhe uma toca de vinho,  
deem-lhe uma cama, em que ele possa repousar das cansa-  
[ças da longa viagem.]  
Não se inquietem, não se irritem com ele.  
A sua permanência é rápida, tão rápida!  
Amanhã, com os primeiros alcores do sol,  
ele terá partido para sempre, ah! para sempre!

Fez-lhes aos senhores do mundo que não se zanguem com o poe-  
ta. Ele chegou em companhia de todos. Mas, desde o primeiro dia, co-  
meceram a chamá-lo de hospede. Realmente ele reclamou: — Pois  
bem, senhores, "hospede" não é nome próprio, eu não me chamo "Hos-  
pede". Entretanto todos ficaram fingidamente surpresos com a reclama-  
ção. O sujeito requisito era hospede. Foi aí que ele pediu apenas  
que pela menos não ralhassem com ele, nem se inquietassem com as  
suas inofensivas manias, que a sua permanência era rápida. Nem pre-  
cisava mesmo que o enviassem ao registro de estrangeiros. Nos primei-  
ros dias não só ele partia para sempre, oh! para sempre!  
Ite missa est! Hospedes e hospedeiros, indistintamente chegam e  
desaparecem.

Onde, hoje, amanhã, três palavras continuam: Ite, missa est.

Este livro de Mucio Leão vai em edição de duzentos e cinquenta  
exemplares fora do comércio. Creio que mesmo dentro do comércio  
ninguém o comprava. Hoje, a poesia é uma coisa de que todo o mun-  
do precisa, mas ninguém quer comprar. Aceitam-se anotações gráficas.

Os editores recusam negócios com poemas. Mesmo o poeta paga-  
do, não serve: a distribuição do trabalho, enfim não concem, não in-  
teressa. Quando o poeta é muito bom e já se tornou um escândalo não  
publicar a sua obra não valia a pena, quanto a de qualquer romancista, muito  
mais (oh! milhares de vezes!) que qualquer tradutor de romances america-  
nos ou franceses, o livro é custeado por subscrição. O pobre an-  
tônio nasceu morto, os poetas são pobres: é natural que se corra a lista.  
Afinal, negócio é negócio.

O ano passado, por esse tempo, tivemos aqui — Henri Michaux.  
Durante toda a sua estadia no Brasil, quase todos os domingos estí-  
mos juntos. Um dos assuntos de nossas conversas foi o da tragédia da  
poesia, nos dias presentes. Há de se regular, evidentemente, que o poeta  
representa, no meio de tanto egoísmo e de tanta brutalidade, um Job,  
um ridiculíssimo Job, de quem os gênios do mal vão retirando todos os  
bens e no fim trucidam sobre a sua carcaça. A história de Henri Mi-  
chaux é assim:

Autrefois j'avais mon malheur. Les dieux mauvais me l'ont enlevé.  
Mas os deuses maus disseram: "Em compensação vamos dar-lhe  
qualquer coisa. Sim, é necessário que lhe demos qualquer coisa". No  
começo o poeta não recebeu esta qualquer coisa e ficou quase contente.  
Entretanto, os deuses lhe haviam roubado a deliciosa infelicidade.  
E, como isto não bastasse, lhe deram uma rara de dançador de corda.  
Ora, ele que realmente havia sofrido tantos fobos, ficou contente. A  
morte era cômoda, não há dúvida, mas não o ajudava a pular. E como  
isto não bastasse, os deuses lhe arrastaram o seu pobre martelo e ou-  
tras ferramentas. O martelo foi substituído por um mais leve e mais  
ordinário, e este por outro mais imprestável, e assim sucessivamente. E  
deste jeito, todos os seus ferimentos desapareceram uns após outros, até  
mesmo os uretos. Em seguida, os deuses lhe suprimiram as suas un-  
has, algumas garrafas quebradas, um pince-nez sem dentes. E como  
isto ainda não bastasse, tomaram a sua água. Esta água tinha o cos-  
tume de se empoleirar numa velha árvore morta, muito poética. Ora,  
eles arrancaram a árvore velha para plantar árvores vivas e vigorosas.  
Aconteceu que a água não valia mais. E os deuses maus lhe rouba-  
ram também outras mudezas: e, não contentes, lhe arrancaram todos  
os dentes. Depois deram um ovo para ele chocar.

JORGE DE LIMA

CECILIA MEIRELES

## NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

A produção literária, no Bra-  
sil, é cada vez mais intensa.  
O crítico de "Autores  
e Livros, que deseja satis-  
fazer, em seu noticiário, a maior  
número possível de autores, delibe-  
ra criar, além de sua seção prin-  
cipal, intitulada a "Vida dos Li-  
vros", uma outra marginal, sob o  
título de "Notas Bibliográficas".  
Aqui, em pequenas notícias de  
vinte ou trinta linhas, irá ele dan-  
do vasto aos livros interessantes  
que lhe chegaram às mãos, e dos  
quais, por um motivo ou outro, não  
pode tratar mais alongadamente  
na seção principal.  
De futuro, se tal for a exigência  
dos fatos, ainda criaremos outra  
seção, destinada ao mero registro  
bibliográfico dos livros que forem  
aparecendo.  
1 — Poesia:

I — Prudêncio Jo Amari e José  
Rodrigues de Melo — *Georgicas  
Brasileiras* (Cantos sobre coisas  
rústicas do Brasil — 1871). Ver-  
são em linguagem de João Gua-  
berio dos Santos Reis. Biografia  
e notas de Regina Pirajá da Silva.  
— Publicações da Academia Bra-  
sileira — Rio, 1941.  
Temos, nos também, o nosso  
Virgílio, ou, melhor — pois que  
virgemos mais do que a Velha Ro-  
ma — os nossos Virgílios, João  
Rodrigues de Melo, natural do  
Porto, escreveu os seus *De Rus-  
tica Brasiliensibus* Rebus Carminum.  
O livro apareceu em 1781. "Na ti-  
pografia dos Irmãos Puccinelli,  
junto de Santa Maria in Valicelli-  
ca", acrescentado do Dr. Sacchini  
officio Carmen, de Prudêncio Jo  
Amari. Essa obra era, como se já  
de imaginar, uma extrema rari-  
dade da bibliografia luso-brasileira.  
A Academia a incluiu na publica-  
ção dos seus livros, na Coleção  
Adão Peixoto. E temo-la, ago-  
ra, continuando a série desses  
grandes e venerandos livros, que  
são o *Peregrino da América*, o

*Tratado da Terra do Brasil*, de  
Pero Gandavo, o *Hans Staden*, os  
*Dialogos das Grandezas*, as *Cartas  
de Nóbrega* e de Anchieta, o *Ta-  
cício Português*, etc.  
O livro, uma preciosa de  
Alfândega Peixoto, biografias e no-  
tas de Regina Pirajá da Silva,  
que tratou do seu assunto com  
erudição cabal.  
II — Freitas Guimarães —  
Andara... e sempre (Versos) —  
São Paulo, 1941.  
Pertence à Academia Paulista  
de Letras o sr. Freitas Guima-  
rães, e sua obra, em verso e pro-  
sa, vai além de vinte volumes.  
O livro que surge agora tem 380  
páginas, abrange mais de duas  
centenas de sonetos e poemas e é  
em grande parte original. Apre-  
sentia, porém, umas quantas tra-  
dições de vários poetas. Heredia,  
Sollary, Carducci, Rosend, Ca-  
sali, Mendes, Théophile Gautier,  
Ronsard, Gerard, Petrarca, São  
Francisco de Assis, Stechelt,  
Campanor, D'Annunzio, Helne,  
Petrarca, Sully-Prudhomme, Ada  
Negri, A. Graf — eis a pequena

academia de poetas, um tanto em  
choque uns com os outros as vezes,  
que o sr. Freitas Guimarães reu-  
nin em suas páginas.  
III — Mercedes Silveira — *Mi-  
nha Canção* — Rio, 1941.  
Num sorteio realizado em se-  
tembro do ano passado no Clube  
das Vitorias Régias, dentre vinte  
e oito nomes de sócios intelec-  
tuais (diz-nos a página de rosto do-  
le livro) a sorte indicou para a edi-  
ção o livro da sr. Mercedes Si-  
veira. Dar ser publicada agora  
esta *Minha Canção*, coletânea de  
versos suaves e apaixonados, em  
que transparece uma encantadora  
sensibilidade feminina.  
Beatriz Reynal — Au Fond du  
Coeur, poemas — Pongetti, Rio,  
1941.  
A poetisa de Tendresse e Morte  
dá-nos agora a segunda série de  
seus poemas. Parece desencana-  
rio encerrar de qualquer forma o  
mêrito desses versos. Sobre eles  
se tem manifestado críticos e ex-  
critores das modernas correntes, e  
cremos que o juízo deles é unânime  
em torno dos louvores que merece

a musa de Beatriz Reynal. Esta  
Au Fond du Coeur é dedicada a  
França, "en témoignage d'amour"  
o que, na hora atual, de Annihila-  
ção e abandono que atravessa a  
França, tem alguma significação.  
IV — Luiz Delfino — *Poese  
absoluta* — Gráfica Guarani —  
Rio, 1941.  
A obra de Luiz Delfino eviden-  
tra-se hoje quase totalmente pu-  
blicada. *Algas e Musgos*, *Poesias*,  
*Poesias Liricas*, *Intimas* e *Aspi-  
ras*, *Angústia do Infinito*, *Atlân-  
tica*, *Imaginação*, *Renas Negras*, *Esbo-  
ço da Epopéia Americana*, *Arco no  
Triunfo*, o agora essa *Poese Absolu-  
ta* — eis os dez volumes em que  
tem sido recolhida a extensa pro-  
dução poética daquele que duran-  
te tantos anos esteve inedito em  
livro e constituiu um dos mais su-  
gestivos mistérios da literatura  
brasileira. Hoje, todo editado,  
Luiz Delfino não constitui mais  
mistério nenhum, e talvez seja  
peça.  
A obra de Luiz Delfino, apre-  
senta nestes vários livros, apre-  
senta (Continua na pág. seguinte)





# A EDIÇÃO BRASILEIRA DE BARLAEUS

José Honório Rodrigues

Dentre as obras raras ou preciosas, brasileiras ou estrangeiras, relativas ao Brasil, destaca-se a "Revisão per Octennium in Brasilia" de Gaspar Barlaeus.

Duas grandes dificuldades quase impossibilitavam a leitura desta magnífica e representativa obra referente ao período holandês no Brasil. A primeira, era a raridade e o custo da obra. Sabia-se que hoje, ainda após a publicação da edição holandesa de 1923, e da brasileira de 1940-41, a edição latina de 1647 custa, mais ou menos, três contos de reis.

Tornava-se, pois, inacessível a sua aquisição, de vez que, por tal preço, só um ou outro feliçado da fortuna, e, ainda assim, bafejado pela sorte de encontrar o exemplar, e que o poderia obter.

A outra dificuldade era de ordem cultural.

Como muito bem acentuou Naber: "Aditamentos apressados ao final de uma magnífica tradução... a língua universal garantia que se atingisse o público culto tanto no país como no estrangeiro e até ao país inimigo". (1).

Essa vantagem primordial de que gozava a língua latina, universal instrumento da prosa e de pensamento ainda no século dezesseis, foi, pouco a pouco, desaparecendo, perdendo a sua catolicidade e foi o movimento de formação nacional, condicionado pela economia urbana que determinou, por assim dizer, o primado da língua materna.

Assim, pois, utilizando-nos de palavras de S. L'Honoré Naber: "De fato, o holandês medianamente culto, que trabalhou durante dois séculos e três quartas partes de um século para elevar a educação da juventude ao, então, via outros trabalhadores no mesmo sentido, já não compreendia a língua de Barlaeus". (2).

Ora, é fora de dúvida que se a formação humanista na Holanda, onde grandes e tradicionais universidades ministravam à juventude as letras clássicas, não pode mais facilitar ao holandês o trato comum com a língua latina muito mais certo será afirmar que no Brasil de hoje esse manejo de uma língua morta e erudita se torna pouco vulgar.

Acrecece, ainda, que existiam duas outras traduções de Barlaeus: uma, em língua alemã, edição que não se pode e não se deve fiar, com trechos resumidos, não estando, portanto, a altura da excelência de Barlaeus; outra, a edição holandesa, magnífica, certamente a melhor edição de Barlaeus, por várias razões que brevemente indicaremos. Ora, tanto a língua alemã quanto a holandesa são pouco conhecidas no Brasil, muito especialmente a segunda. A primeira tradução alemã, teria contra si a desvantagem da infidelidade.

E, por conseguinte, louvável e meritório o ato do sr. ministro da Educação, dr. Gustavo Capemann, ao mandar traduzir essa obra para o português, confiando a difícil tarefa ao erudito e proeminente professor Claudio Brandão, que dela se desempenhou de modo a torná-la obra de vulto e de importância cultural histórica e literária brasileira. Todos os aplausos a essa realização ficaram sempre a quem do valor de tal obra. O prof. Claudio Brandão executou trabalho sério, digno de sua formação humanista.

Dissemos, de passagem, que a tradução holandesa constitui a melhor edição de Barlaeus. Procuraremos, aqui, tentas explicar as razões de essa afirmativa.

A edição brasileira é impenável ao que diz respeito à tradução — obra do Prof. Claudio Brandão — e excelente quanto ao esmero tipográfico. Existem, porém, pequenos defeitos na sua apresentação, que a enfraquecem e tiram-lhe a impenabilidade da leitura.

Naber introduziu, por exemplo, um sistema que bem poderia ter sido adotado pelo eminente prof. Claudio Brandão, a saber, a separação do texto corrente em trechos separados por capitulos. Naber justificou essa inovação declarando que conquanto o texto de Barlaeus originava em interrupção, ela lhe pareceu necessária para os leitores do nosso tempo. Realmente, dificulta muito a leitura sem interrupção, como a da edição latina de 1647 e a brasileira de 1940-41 (3.ª tiragem). Os capitulos tornam mais azanha a leitura do texto e em cada perda

a edição. Conserva-se absolutamente fiel ao texto latino de 1647. Isso é, bem o sabemos, uma inovação e, talvez, alguns defendam a conformação integral ao sistema da edição latina de 1647; mas parece-nos ser tola tal pretensão. Não desde que, ao respeito, fluente o texto, nada pertubou a clivagem por capitulos, ao contrário, se facilita. Mesmo porque, se fôssemos adotar tal rigorismo, não deveríamos anotar ou prefaciar qualquer obra rara ou preciosa, de vez que estaríamos desrespeitando a conformação de texto original. Não se modifica, por exemplo a pontuação de textos antigos para facilidade de leitura? Não é este o critério que tem sido adotado pelos maiores anotadores e editores críticos de textos históricos raros e preciosos? Um só exemplo: na edição de 1931, da Epistolaria de Vária História Portuguesa, de Francisco Manuel de Melo, revista e anotada por Edgar Prestage, ou, mesmo, a Carta de Guia dos Casados, na edição de Camilo Castelo Branco, de 1873, adotou-se o mesmo critério que vimos aqui defendendo. Assim a pag. 34, escreve Castelo Branco: "A Carta de Guia saiu de um fôlego da abundância vella do autor. Não tem paragens nem divisões de matérias, bem que as haja abundantíssimas. Por isso, repartiu o assunto geral em capitulos, cada um com seu titulo, podendo, assim, o leitor, achar no indice a matéria que desejava ler ou consultar".

De sorte que o critério adotado por Naber encontrava, na sua tradição portuguesa, justificativa e base. Não seria uma inovação sem seguros fundamentos nos eruditos editores de obras raras e preciosas.

Seremos, é certo, que em obras de valor filológico e preciso de "erros" o documento, mas, mesmo assim, se o que se encontra em documentos etimológicos, pois "guardar intacta a produção incorreta dos livros arcaicos, não a recriar, e instruírem-se a respeito, parece razão que merece retutação".

A não disso, os mapas que ornaram a edição brasileira causam espécie, pois, devido a erro tipográfico da edição de 1940-41, transferiu a reimpressão para a direita dos mesmos, tornando difícil a leitura de qualquer nome impresso.

Quem necessitar consultar os mapas que ornaram a edição brasileira muito raramente se atreva a qualquer dúvida, se recorrer aos mapas de edição brasileira em formato maior. Consultem-se, todavia, os velhos e gastos mapas da edição de 1647 ou os da edição de 1923 e verá-se que em nada exageramos. Talvez tenhamos sido até indulgentes...

Não se justifica, tão pouco, que descreva os deslizes anos após a publicação da edição holandesa, não se reimpressem os mapas suplementares que Naber adicionou à sua edição de 1931. Como sabe, Naber fez acrescentar, em primeiro lugar, um mapa representando o mar que, pela primeira vez, foi navegado por Houwer em 1643. O que facilitou a compreensão do trecho de Barlaeus relativo à expedição ao Chile; em segundo, uma reprodução do terreno de operações de Brouwer no Chile, conforme mapa em mãos de Elias Herckmann; em terceiro, uma coleção de gravuras, com explicações, pertencente ao Tableau de Margraaf sobre o Brasil Neerlandês. Conforme assegurou Naber, existem exemplares de Barlaeus em que, de fato, se encontram folhas suplementares, destinadas a fazer um todo maior dos quatro mapas, os quais foram por ele reproduzidos em sua edição. Esses mapas constituíram um Tableau, com a descrição do Brasil, tirada do próprio texto de Barlaeus, em três línguas: francês, latim e neerlandês, e foi composto por G. Margraaf em 1643 gravado em cobre em 1646, e editado, separadamente por Blaeu em 1647.

Não havia razão para por de lado tão importante contribuição, resultado de várias pesquisas de S. L'Honoré Naber e do dr. F. C. Wieders.

Essas são, a nosso ver, os principais defeitos da edição brasileira.

Cabe-nos, agora, retificar erros e imprecisões que laborou o prof. Claudio Brandão.

Admita-nos que o conhecimento da edição latina de 1647, impres-

sa por Tobias Silberling, não impedisse o prof. Claudio Brandão de incoerir em grave lapso. Oito vezes comete, em seu prefácio e nas notas, o lamentável equívoco de escrever, peremptoriamente, "O tradutor Tobias Silberling". Ora, na edição alemã (1859) está escrito, claramente, na folha de rosto: "Cleve, Guckert bei Tobias Silberling", assim como na latim de 1660, "Clivis, ex officina Tobias Silberling". Evidente e claro, trata-se do impressor e nunca, do tradutor. As palavras alemãs e latinas não deixam dúvida. Somente duas vezes escreveu o professor Claudio Brandão corretamente: "O tradutor alemão". Essa é a atitude certa e correta, pois desconhece-se o tradutor alemão e o douto tradutor da edição brasileira só poderia dizer afirmativamente: "O tradutor alemão Tobias Silberling" se houvesse realizado alguma pesquisa nesse sentido e trouxesse, assim, um esclarecimento novo e interessante. E o prof. Claudio Brandão não nos deu notícia alguma de que houvesse realizado tal pesquisa feliz, que viesse denunciar o tradutor anônimo da edição alemã. E de notar que em algumas bibliografias realizadas por notáveis especialistas do assunto, a atitude é sempre de reserva e cautela. E desse modo como procede, por exemplo, Clara Louisa Pennes no "List of Books printed 1601-1700 in the Library of the Hispanic Society of America". (4) que escreve: "2nd. ed. Brasilianische Geschichte Clive, T. Silberling, 1659" (German translation by unknown). Outros, como Müller e Asher, não mencionam, também, o tradutor e sim o impressor Tobias Silberling.

A edição brasileira constitui, realmente, a terceira tradução, mas, cronologicamente, é a sexta edição de Barlaeus; a primeira é a latina, de 1647; a segunda, a alemã, de 1659; a terceira, a latina de 1660; a quarta, a latina, de 1698, não citada pelo prof. Claudio Brandão; tem o título: "Descriptio Totius Brasiliae", Clivis, in-8.º com o trabalho de Pico da História Natural, tal como na edição latina de 1660. (5); a quinta, a holandesa de 1923; e, finalmente, a sexta, a edição brasileira de 1940-41.

Escreve, também, o prof. Claudio Brandão que se Varnhagen chamou de latiníssima a obra de Barlaeus foi por ironia. E' desconhecido a obra do Visconde de Forquilha — toda ela grave e séria — atribuir-lhe insultos ironia. O certo é que o prof. Claudio Brandão, latinista eminente, esqueceu-se de analisar a obra de Barlaeus num sentido de relativismo histórico. Seria falso crer que Barlaeus pudesse escrever na bela língua de Cícero, Vergílio ou Tito Lívio, Barlaeus é o tipo clássico do humanista do século XVII, poetizando com facilidade e abundância. A grande quantidade de epígrafos e genealogias de sua obra mostra que era versado nos modelos clássicos. O seu latim é o do Renascimento, o mesmo de Erasmo, de Cardano, de Bembo, de Scaligero, eruditos e humanistas da Renascença. Não seria, pois, justo, querer criticar sem critério histórico de relatividade.

Naber, que foi emérito professor de letras clássicas e de história da Universidade de Leide, chamou, também nos Aditamentos de latiníssima a obra de Barlaeus (6), e, mais adiante, escreve: "Mas o melhor continuava sempre a ser o texto, cantante quan-

to à redação, de conteúdo excelente quanto à composição, atraente pela variedade, digno quanto ao tom, mesmo nos lugares em que, de fato, se critica ou se soma levemente" (7).

Além, não foi essa a única vez em que o prof. Claudio Brandão foi injusto para com Barlaeus. Ele declarou, por exemplo, que Barlaeus não foi dos mais ilustres de sua época. Ora, o conhecimento da literatura holandesa do século XVII — século de ouro de Frederico Henrique — leva, exatamente, a uma afirmativa contrária.

A repercussão da obra de Barlaeus foi de tal ordem que ele foi incluído no Dicionário Crítico de Bayle que, no Tomo I, págs. 659-662, averbou o nome do professor do Ateneu Ilustre de Amsterdã, dando-lhe uma extensa biografia. O desconhecimento dessa biografia — que é talvez única segundo extensas e demandadas pesquisas que temos realizado na Biblioteca Nacional — é que conduziu o prof. Claudio Brandão a pintar-nos um tão desleal e falso retrato de Gaspar van Barlaeus. Diga-se, de passagem, que a biografia que nos dá o Prof. Claudio Brandão muito se assemelha à notícia biográfica da Enciclopédia Espasa e Calpe. Bayle, no seu Dicionário, rebateu a versão das preconceitos de Barlaeus, baseado, especialmente, na oração fúnebre feita por Jean Arnold Corvinus. Este, em seu discurso, conta-nos que um dia antes de morrer, Barlaeus, fez uma confissão e se preparou para ir dar uma aula, teve um desfalescimento, do qual não mais voltou a si. (8) Pergunta, então, o grande enciclopédista, como seria possível que Corvinus dissesse falsamente perante os discípulos de Barlaeus? Essa versão foi espalhada por Tissot, em seu livro "De la Santé des Gens de Lettres", era que se refere, especialmente, ao dito caso de Barlaeus. (9).

Não nos compete dar, aqui, uma biografia de Barlaeus. Fa-la-mos, brevemente, baseada em Bayle, para a Bibliografia do Período Holandês, que há três anos nos ocupa, e cuja publicação confiamos ao Instituto Nacional do Livro.

O certo é que as obras e edições diferentes de Barlaeus, poeta e prosador que gozava, conforme o costume da época, dos favores de príncipes e reis e que era, segundo Bayle, principalmente pago para recitar-lhe os felizes e esmerilhados os anais, contribuiu para a asserção de que usufruiu de real prestígio intelectual na época em que viveu. "Foi um homem de grande mérito; a poesia era seu forte, suas musas tinham muita fecundidade e elevação", escreve Bayle e relata que Richelieu pagou-lhe cinco mil francos pelo seu elogio, satirizou Marnas Ben Israel discutiu e polemizou com vários espíritos notáveis de sua geração e recusou-se a fazer um poema sobre o imperador Fernando, afirm de que não o consideravam pensionário da Casa de Áustria, em luta com a sua terra.

Morreu em 1648, ainda segundo Bayle e em 1647, segundo o diário de De Witte, uma das personagens mais importantes da vida pública holandesa no século XVII. São pequenos pormenores de sua vida, que confirmam a situação de prestígio de que gozou entre os grandes de sua época, costume geral de que se aproveitaram Descartes e, mais tarde, Voltaire.

A Bibliografia de Barlaeus é

extensa e so nós possuímos, devidamente fichadas, cerca de sessenta diferentes trabalhos e edições. O que prova a insuficiência da bibliografia do prof. Claudio Brandão, que deveria ter indicado mais alguns trabalhos de Barlaeus. Limitou-se a citar as "Poemáticas" e as "Oratões", esquecendo-se do "Epistolarum Liber" em dois volumes, e de duas obras outras, de grande importância. Uma nos deu diretamente e não a desculpa que o prof. Claudio Brandão não a houvesse citado. E' "Triumphus super capta Olinda, Pernambuci Urbe Brasilia Metropoli" (10). O outro trabalho é uma notável tradução de Barlaeus, Antonio Herrera publicou, em 1607, a "Descrição Geral das Índias Orientais" e Barlaeus, em 1623, organizou uma coleção denominada "Novus Orbis sive Descriptio Occidentalis" (11). Essa coleção não contém somente o trabalho de Herrera, mas vários outros que Barlaeus cuidadosamente traduziu, os quais foram, em 1623, traduzidos para o francês, e, em 1624, foi a mesma coleção republicada por Theodoro De Bry.

Pois bem, Camus, considerado justamente como o melhor crítico da coleção de Theodoro De Bry e de Melchior Thievet, julgou a edição de Barlaeus excelente. (12)

Não é, pois, de bom critério esquecer trabalhos dessa ordem para escrever, por exemplo: "deixa trabalhos sobre física e medicina", como fez o prof. Claudio Brandão.

No apêndice bibliográfico que conseguimos reunir de Barlaeus — sessenta fichas de obras e edições diferentes, como já dissemos — constam duas teses de filosofia de 12 páginas, escritas em 1603 e outra de 8 páginas, do mesmo ano. Não merecem, portanto, especial referência os trabalhos de Barlaeus nesse campo.

Restou dizer que discordamos ainda em um ponto do anotador da edição brasileira. Assim, não é exata a nota 358, em que o prof. Claudio Brandão declara que "brasiliani" em Barlaeus significa, em geral, os indígenas e índios", pois argumentando com o próprio texto de Barlaeus verifica-se que a pag. 133 descreve estes sob a denominação de brasilienses ou tupis, atribuindo-lhes o uso da rede que, como se sabe, não é traço de cultura tupia, ou melhor, não; (13) enquanto que a página 268, descreve, propriamente, os tupiões. De modo, distinguem os tupiões dos brasilienses, que devem ser os tupis. O certo, por conseguinte, parece-nos que seria dizer: brasilienses, índios tupis, distinção essa que se nota claramente no Catecismo e Nieuw-hof.

As nossas observações tem um espírito de modestos reparos e, assim, mais uma vez afirmamos o valor da contribuição do prof. Claudio Brandão, nas magníficas notas, que esclarecem e retificam o texto, o esmero tipográfico e o cuidado da edição, que honra e Ministério da Educação.

- (1) Gaspar Barlaeus, Neerlandische Brasilië onder het bewind van Johan Maurits Grave van Nassau, 1637-1644. Trad. do latim por S. P. L'Honoré Naber. Je Gravenhage, Martinus Nijhoff, MDCCCXXXIII, pag. 428.
- (2) Idem, idem, pag. 425.
- (3) Neerlandische Historisch-Geographische Documenten in Spanje, pag. 329, in L'Honoré Naber, pag. 429.
- (4) New York, 1858, pag. 47.
- (5) Tiele, Neerlandische Bibliographie van Land en Volkerkunde, 1864, Müller, pag. 18.
- (6) Neerlandische Brasilië..., pag. 423.
- (7) Idem, pag. 428.
- (8) Apud Bayle, Dictionnaire Critique, 3ème ed., Tome I, pag. 659-662.
- (9) Grasset & Comp, Lausanne, 3.ª ed., pag. 47.
- (10) Lugduni Batavorum, ex officina Godefridi Basson, MDCCCXX, 8 págs.
- (11) Apud Michaelis Colinius, 1622.
- (12) Mémoire sur la collection des Grands et Petits Voyages et sur la collection de Melchior Thievet, Paris, 1802, pag. 162-163.
- (13) Estevão Pinto, Os Indígenas do Nordeste, Brasília, 1935, Tomo I, pag. 126.

## O PRÓXIMO NÚMERO DE AUTORES E LIVROS

No seu segundo número, a aparecer no próximo domingo, Autores e Livros dedicará a maior parte de suas páginas a Fagundes Varela.

Exatamente no dia 17 passará o centenário do nascimento do grande poeta do nosso Romantismo. Aproveitaremos a ocasião para dar vários trabalhos sobre o autor de Evangelina nas Selvas. Assinados por escritores da geração passada e por escritores da geração atual, esses trabalhos irão mostrar-nos como, através dos quase setenta anos, que já passaram sobre a morte do admirável cantor, seu prestígio parece ter crescido cada dia mais no coração de todos os que tem sensibilidade para a arte e para a poesia.

Publicaremos também trabalhos sobre outros assuntos, assinados por ilustres homens das nossas letras de hoje, além das seções comuns, com as quais o leitor já se terá familiarizado na nossa edição de hoje.



# Um poeta clássico: João Cabral do Nascimento

JOÃO GASPAR SIMÕES

Os anos passam e a poesia fica. Passam as guerras, os terremotos, as tormentas e os poetas não se calam: são eternos. Mas o gosto do homem é variado. As emoções seguem o rumo das épocas. Os poetas acompanham as oscilações da sensibilidade, quando não são eles próprios quem as provocam. Seja como for, no curso dos tempos duas atitudes permanecem lado a lado em todas as manifestações poéticas. Há os poetas que se desgrenham mergulhando na corrente e a cujos abismos vão buscar as maravilhas da inspiração e há os que, de cabeça levantada, cabeleira composta e gestos comedidos esperam, à superfície, que a inspiração aflore do seio das águas. Na história das literaturas convencionou-se chamar românticos aos primeiros e clássicos aos segundos. Esta nomenclatura mantém-se há muito, o que nos leva a supor ser mais alguma coisa que uma simples classificação literária. Tenho-a por uma síntese das tendências fundamentais do espírito humano.

Diz-se muitas vezes que o temperamento romântico é mais rico que o clássico. Há quem diga que o classicismo é uma superação do temperamento romântico: uma vitória sobre o romantismo prévio. Aqueles que assim pensam restringem o conceito classicista a uma simples função de disciplina ou polícia. Quem tenha estudado com cautela os problemas da génese literária sabe quanto é errôneo tal modo de pensar o romântico é romântico por predisposição natural: é difícil mergulhar fundo na corrente de um rio e emergir dele composto e enxuto. As profundidades desgrenham. A criação romântica é, de facto, criação em profundidade. Já a criação clássica é uma criação em superfície. "As árvores não deixam ver o bosque" — eis o princípio em que assenta o ideal clássico. Se as árvores não deixam ver o bosque basta que nos contentemos em ver as árvores. Inútil pretendermos arrancar do bosque os seus mistérios. Nada há portanto, a fazer senão contentar-nos com os primeiros planos com a superfície.

Isto quer dizer que no ideal clássico há um princípio de re-

núncia ou impotência. Eis por que se diz que o clássico é menos rico que o romântico. Se-ja-o? Teríamos de saber se o romântico consegue, de facto, ver o bosque que o clássico desdenha. Em todo caso, é certo, muita coisa estaria ainda por descobrir se não fosse a audácia do espírito romântico. É provável que seja impossível ver o bosque. Não deixa, porém, de ser louvável que haja pessoas esperanças em chegar a vê-lo. A pobreza do ideal clássico vem-lhe desta espécie de renúncia a todas as utopias.

Na poesia o ideal clássico traduz realmente esta impotência. O poeta clássico não aspira a fundos mergulhos na corrente caudalosa da inspiração. Há que reconhecer, com Valéry, que o poeta clássico é aquele que chega depois. A sua poesia não abre novos caminhos: fecha, completa, estabelece, aperfeiçoa caminhos abertos por outros. Esses outros são os românticos. Para o progresso e alargamento das formas e dos caminhos poéticos o papel do romântico é incontestavelmente mais importante que o do clássico. Mas, quantos poetas românticos há que depois de abrirem novos caminhos à poesia são ultrapassados pelos que "vieram depois"! Lembremo-nos desses von Schiller, desses Carl-Gustav Carus de todos esses românticos alemães, em suma, quase desconhecidos hoje, predecessores finais dos Goethe, dos Baudelaire, dos Valéry. Quer dizer: é mais grato ao homem ler as obras onde a serenidade venceu o tumulto. Os poetas clássicos são muitas vezes preferidos aos românticos graças ao enriquecimento herdado e à perfeição lograda.

Em Portugal a oscilação entre uma poesia romântica e uma poesia clássica conserva a mesma amplitude que em qualquer outro país. No que respeita à poesia moderna há já um certo número de poetas que, de certo modo seus predecessores, como românticos tem de ser considerados. É certo nem sempre os clássicos de uma certa época serem os descendentes directos dos românticos seus criadores. Vemos surgir, por vezes, dentro de uma certa corrente

poetas perfeitamente clássicos não obstante nada naver de comum entre a sua obra e a obra dos românticos que gerou tal corrente. É o caso do poeta João Cabral do Nascimento. Eis aqui, de facto, um poeta clássico que de certo modo não pode ser considerado sequer dos predecessores da poesia moderna portuguesa: os seus românticos. No entanto, naquilo que há de melhor na obra deste poeta transparece uma sensibilidade e uma expressão características dos chamados predecessores da poesia moderna. Realmente, nem tudo na poesia de João Cabral do Nascimento é de uma sensibilidade post-simbólica. Há por vezes, nela, uma tonalidade saudosa, imagens e ambientes que se não coadunam com a chamada poesia moderna. Isto diz bem que Cabral do Nascimento não é um clássico do modernismo. Em todo caso é um clássico e um clássico com laivos de modernidade. De facto, poucos poetas contemporâneos nacionais se poderão dizer tão completamente clássicos como Cabral do Nascimento. E aqui emprego estas palavras antes no sentido que é de uso dar-lhe: serena iluminação das superfícies que no sentido que Paul Valéry lhe atribue: obra de um "chega depois". De facto, o "bosque na obra de Cabral do Nascimento não se vê: vem-se as árvores. Um primeiro plano calmo, requintado subtil — eis a ambição do poeta. Nem as suas emoções são muito profundas, nem a sua inspiração é transcendente, nem os seus sentimentos ricam a dever grande coisa à complexidade. Isto, não obstante o frémito emocional que agita a poesia de Cabral do Nascimento e as subtilezas da sua sensibilidade. Embora não seja muito profundo, Cabral do Nascimento é, por vezes, extraordinariamente sutil. A subtileza — eis o melhor estelo do poeta clássico.

Todos nós procuramos na poesia a mesma coisa. A perfeição formal é bela mas, para o ser, carece de algo mais: em poesia as belas formas têm de ser como que a vanguarda do frémito sagrado que as gera. Na obra de Cabral do Nascimento

há, ao mesmo tempo, perfeição formal e frémito sagrado. A sua perfeição formal é quase sempre o revestimento desse frémito.

A Eternidade? A Perfeição? Insuperáveis. Monotonias. Para o desejo basta um dia... E o resto é só recordação.

Realmente parece que Cabral do Nascimento não considera a eternidade e a perfeição como bens supremos. E ainda bem. A serenidade da sua obra é menos serenidade de uma alma certa da perfeição e da eternidade que a serenidade de uma alma incapaz de encerrar a vida sem um grande sentimento de repouso, sem uma confiança ilimitada na própria faculdade de reagir perante o que é eterno e perfeito.

O que há de clássico na poesia de Cabral do Nascimento é dado sobretudo pelo recorte, pela atitude Cabral do Nascimento busca e rebusca a palavra mais simples, mais concisa, mais justa, certo da inutilidade de toda a retórica.

A economia das suas imagens e do seu vocabulário é o segredo do seu classicismo. Como, porém, não se pode atingir este comando sem uma como que interferência crítica ou intelectual, eis explicada aquela espécie de presença discreta do próprio poeta na obra que realiza aparentemente desprendido. Dir-se-á querer dar-se espontâneo e ao mesmo tempo não querer que o julgemos ongo e indiferente às palavras e às imagens que o vão exprimindo. Cabral do Nascimento gosta de estar presente, embora franqueando à espontaneidade as portas da sua poesia. Daí o que nela há de moderno. Desde Nobre um dos românticos predecessores da poesia moderna, que este jogo da espontaneidade e do comando voluntário se tornou um dos princípios da poesia.

Que importa que eu te visse [apenas uma vez?]  
O teu nome? Sei já!  
Basta-me um não sei quê...  
[Basta-me o pensamento.  
E o meu romance viverá.  
Estes versos ajudam-nos a compreender a poesia de Cabral do Nascimento. Tudo ela vibra

em volta de uma espécie de transfiguração saudosa daquilo que um dia impressionou o poeta. Cabral do Nascimento não sendo apenas visual, dá uma grande preferência às imagens visuais. Viu um jardim, viu uma janela iluminada, viu um rasto de espuma sobre o mar, viu uma borboleta passando e deste não sei quê fez pequenos poemas calmos, suaves, musicais. Impponderáveis "Basta-me o pensamento" disse o poeta. Não "importa que eu te visse apenas uma vez". De facto, daquilo que entreviu num instante, o pensamento de Cabral do Nascimento fez poesia. Esta palavra "pensamento" é ampla e vaga na boca do poeta. Convmem que ela não perca a sua amplitude e indecisão. De facto não se pode dizer que os poemas de Cabral do Nascimento sejam frutos do "pensamento". Mas também é verdade não ser possível concebermos inteiramente emancipados dele. As coisas, as imagens, as emoções ao entrarem na poesia de Cabral do Nascimento volatilizam-se, perdem a impureza das coisas concretas: fazem-se emoção intelectual. Eis por que a sua leitura é mais um prazer do cérebro que um deleite dos sentidos ou um frémito do coração. Aqui está outro traço da sua modernidade. O seu classicismo é feito de atributos modernos purificados. Cabral do Nascimento é um insuavel volatizador da expressão poética.

Na hora que passam um tão calmo e sutil depuramento das formas poéticas como aquele que se opera na obra deste poeta é coisa rara. Cabral do Nascimento é, de facto, um dos poucos poetas contemporâneos em que o nome de clássico assenta como uma luva. Tal classicismo, repito-o, está mais próximo, porém, de um modernismo classicizante que de um classicismo puro e simples. É justo que Cabral do Nascimento tenha um lugar entre os poetas modernos portugueses. Poucos como ele serão capazes de manter, a par de uma tão perfeita unidade de expressão, uma tão ampla liberdade de imagens, de temas e de metros. João Cabral do Nascimento pertence à linhagem dos poetas que de Fernando Pessoa vem até Carlos Queiroz.

## A VIDA DOS LIVROS MEDITAÇÃO SOBRE A CRÍTICA MÚCIO LEÃO

da Academia Brasileira

obra aparentemente de pura criação dos seus momentos. Tibaudeu encontra, na literatura francesa, ao lado da grande corrente puramente crítica, La Harpe — Villamain — Saint-Marc — Girardin — Saint-Beuve — Taine — Brunetiere, uma outra corrente a dos críticos artísticos formada por Chateaubriand — Hugo — Lamartine — Gautier — Baudelaire — Paul de Saint-Victor — Barbey d'Aureville. Este quadro mostra-nos como se efectuam simultaneamente, que se combinam e se nutrem, os dois tipos de crítica e de criação. E aí está o núcleo do ensaio que eu imaginava há pouco. Aí onde vai, num Huxley, a tarefa de criação? Aí onde começa a tarefa da crítica? Aí onde vai o poeta Valéry ou o poeta Gide? Onde é que começa o promotor Gide ou o promotor Valéry? Eis aí indagações tentadoras para os que amam os temas abstratos de uma filosofia literária, nem sempre profunda, nem sempre convicida de que está lidando com as últimas palavras sobre os assuntos de que trata...

No ensaio que citei acima, Tibaudeu não diz que conhece três gêneros de crítica, na literatura francesa — os dois a que acima fiz referência, isto é, a crítica dos promotores e a crítica dos artistas; e um terceiro, das conversas. É esta última a forma verdadeiramente legítima da crítica, pelo menos é aquela que está menos acessível ao erro perigoso de quem se dá ao trabalho de criticar. O mestre de todos nós bem o sabe: "La vraie critique à Paris se fait en causant: c'est en allant au scrutin de toutes les opinions que le critique compétent ou résolu le plus com-

plet et le plus juste" — assim nos ensinava ele, num dos mais inflexíveis dos seus "venenos". Pensamento que se encontra quase sem alteração, em um dos seus primeiros livros, "L'Indice". Essa maneira de encarar a crítica terá como resultado reduzir de muito as proporções da tarefa que a exerce. Já não teremos mais, no crítico que assim se dá a uma simples tarefa de sondar a opinião pública, aquele sábio, capaz de fazer a classificação natural dos espíritos, já não teremos nele o irmão e emulo de Buffon, como seria, uma das meditações dos "Retratos contemporâneos". Pois o crítico, sofrida essa redução que lhe foram impostas, passa a ser apenas o secretário do público. "Le critique n'est que le secrétaire du public", mais um secretário que n'attend pas qu'on lui dicte et qui devine, qui devine et rédige chaque matin la pensée de tout le monde". Eis aí, de qualquer maneira, como o crítico é um ser de utilidade profunda e inabastável. E esta como a crítica se torna uma preciosa abertura de caminhos, na densa floresta dos conhecimentos humanos.

E eis aí, também, como os críticos mais distantes daquela multidão universal que lançou sobre a crítica e os críticos um homem de génio como Tolstói, para o qual os críticos não passavam de loucos que se haviam sobre pessoas de juízo. Encarando o fenómeno "crítica" no Brasil, verificamos que aqui talvez mais que em qualquer outra região do mundo, predominem as suas lições claras e fecundas. Somos um país sem génio para os assuntos da abstracção. Ainda não produzimos um matemático de fama universal. Nossa filosofia é paupérrima, e só se nomeia que

mais se destacam são em geral os de tristes mediocridades, que souberam cortejar a moda falaciosa de um momento: alguns dos seus melhores valores, dos autenticamente representativos, ficam inteiramente ignorados ou esquecidos, sob o desdém da multidão sem-letrada. Nossa música, mesmo, é quase indigente... Sim: tudo o que se grande é abstracção, no talento brasileiro, é frágil, e só muito raramente chega a uma realização perfeita.

Com referência à crítica, porém, podemos dizer que nossa realidade não é tamanha. A geração de 1880 possuía uma bela inteligência de crítica e análise. José Veríssimo, Silvio Romero e Arraio Junior — a triade crítica que de se opõe à triade poética, composta de Olavo Bilac, Raimundo Corrêa e Alberto de Oliveira — foram belas vocações críticas. Na mesma geração houve outros autores com iguais disposições intelectuais: um Machado de Assis, um Carlos de Laet, um Capistrano de Abreu, um Oliveira Lima, talvez um Raul Pompéia, um Artur Azevedo, e um Graça Aranha, com certeza um João Alvaro, cuja obra crítica ainda não foi publicada, e que, entretanto me parece ser o maior dos críticos de sua época, acima mesmo de Veríssimo, Arraio e Romero.

Da geração actual nada direi, senão que é uma geração de críticos. E, como vimos há pouco, podemos dizer que nela, mesmo se que se caracterizam por uma obra essencial de criação, na poesia e no romance, são ainda críticos. E isso será, num balanço total, de inevitável consequência para a evolução literária do Brasil. Prod-

ramos de críticos, não tanto dos críticos que, venham publicar em jornais e revistas suas mediocridades particulares, suas impressões sobre as obras alheias. Mas, sim, de críticos que se critiquem a si mesmos, que se deem case elemento de disciplina interior, sua consciência e sua consciência do espírito, que se as belas faculdades da crítica amplamente exercitadas dão aos autores.

Meres críticos que imaginem — os de suas próprias obras — não de ser rigorosos, exigentes como convém. E tanto melhor — pois nessa mesma exigência a mesma mesma rigor terão maior razão para a perfeição de suas obras.

Quanto a nós outros, porém, críticos profissionais, críticos que são forçados a dar de público, cada semana, a sua opinião acerca de livros e de escritores — parece-nos que não devemos a atitude que nos cabe à da indulgência. Num país pouco dado às coisas do espírito, como é o nosso, o simples fato do indivíduo se entregar a uma tarefa intelectual representa um título à nossa admiração, quase ao nosso carinho. E depois, como sabemos todos, não há livro tão mau que não contenha algo bom...

Não quer isto dizer que o espírito desta coluna de crítica que hoje está nascendo vá ser o de eleger sistematicamente todas as coisas, prestem ou não prestem.

Quer dizer, ao contrário, que as coisas que não prestem suberemos pé-las de lado, toda a vez que isso nos for possível, dando-lhe o único tratamento que merecem, e de desdém. E quer dizer também que procuraremos por em foco as coisas boas que acharmos, mesmo quando elas forem poucas, e quando se trata de mais do que um livro. Uma crítica honesta, brava, sempre, porém sem ilusões, que procure orientar, em medida de suas possibilidades, o gosto e a sensibilidade dos que principiam, pois para eles é que vamos falar e não para os mestres, que tem, em si mesmos, sua sabedoria e sua definitiva certeza...

Eis os rumos essenciais, pelos quais havemos de nortear esta secção. E agora, leitor amigo, até à próxima vez.

## A existência de “Moll Flanders” | Os bons velhos tempos do soneto

[illegible]

Quanto ao resultado obtido, ninguém o ignora. O sucesso desse livro, mediado por tantos aspectos, foi realmente espetacular. E cresceu a tal ponto que passou a amparar a própria nome do autor, relegando-o ao esquecimento, bem como toda e revolta sua obra. E assim ficou o fantasma do autor, a tal ponto que a Idade Média, cuja popularidade obscureceu para sempre o nome do autor, converteu-se em coisa pública.

[illegible]

tempestades, soude me bati com a pior espécie de maldade e de crueldade, em inúmeras e supérfluas apostrofes aos marinheiros; em que fui alimentado por maldades maiores do que aquelas dos carcos, e que sofri toda espécie de violência e opressões, de injúrias, de repreensões, da despreza dos homens, de ataques dos demônios, de hostilidade de uns a oposição da terra.

Ainda há quem não tenha ouvido falar dessas invenções. Isto não leva muito longe, a conclusão são desfechadas. Não são "Rubicones Cuscos", mas todos os outros romanos de Daniel Defoe respondem sobre tudo estritamente autônomo gráfico. Não há nada de novo, mas há a sua estirpe. E é bom lembrar aqui que esses velhos romances, tão desconhecidos da população, ascendem à altura respectiva de algumas e consequentemente obras Balzac, e de H. G. Wells, e de outros, com a importância de uma obra de ficção. André Gide considera uma das obras primas de literatura inglesa.

Quem é Moll Flanders? Parece tratar-se de um desses tipos estranhos de estruturas, meio-pronitadas e meio-árzizes, que tanto floresceram no tempo da rainha Elizabeth. Existem traços da personalidade de Moll Flanders através de toda a beatita elisabeta. Ou, pelo menos, de alguém que muito se assemelha à heroína de Daniel Defoe.

Entre vários documentos utilizados para identificação dos vários personagens, existem cartas de grande interesse. A primeira delas ter nascido durante a viagem de Moll e John à cidade de Newgate, pela A-ter, em conexão com uma romance. Num jornal inglês, intitulada "Dont-Boy", aparece, em janeiro de 1722, um anúncio de ilusão. A cidade em que John e Moll estavam era a de John e Moll, "Andreas", com o nome de Moll. Mas isto é um detalhe insignificante. No "Apphah's Journal" em que Moll era a principal redator, surge uma carta assinada por Moll e a carta de uma mulher que pede conselhos ao autor de "Capitão Scagleton". A sua linguagem é estranha, mas a história é estranha ainda. Era talvez a primeira carta depositada em uma caixa de correio, e a primeira carta enviada e explorada de que tinha sido enviada por esse motivo. Para que isso possa ser identificável de serg. Moll com a estranha carta, a carta de Moll e a carta de Moll. O documento, já é possível encontrar os primeiros sinais da futura Moll. Portanto, tirando dessa carta a ideia de fazer a sua personagem ser a sua própria esposa. Devido ao fato de não ter sido identificável.

Escreve um prefácio, avisando aos leitores que aquilo são documentos que tinham vindo parar nas suas mãos. Deixei muito está para sempre estabelecida a conexão entre a Moll Wonders real e a ficção. Pois ainda sou real e a existência de Mary Frith, conhecida mundialmente por "Moll, a

[illegible]

John Day, Nathaniel Field, Thomas Middleton e Thomas Dekker, autores da época, citam Moit, pirata de todos os vícios, que se afeiçoou às suas peças e roubar. Mas a sua verdadeira paixão é a famosa galeria de capitães holandeses, intitulada "Os Gerais dos Assassinos, Ladrões e Piratas".

[illegible]

Daniel Defeo, que tanto lutou pela justiça e que tantas vezes foi traído nos seus desejos, sabendo por experiência própria que não poderia mais resistir, e que não queria o salto do inferno. E se transmitiu essa fébre com tanta exuberância aos seus heróis, a deu a Robinson Crusoe agnóstico, recalcado existencial e a Moll Flannery aquela colúmbia da indústria.

Agora chegou a vez de um novo gesto final, que virgila a sua fé. Lá poucos dias antes de exalar o último suspiro: "Men Deus, dá-me o meu quotidiano — my Deus preserve-me da tentação!" Com ele, todos os aventureiros, mas também os perseguidores, os enganados e os enganadores, os escravizados e os libertadores, os mortos e os vivos.

**LÚCIO CARDOSO**

### Peregrino Junior

Houve tempo, no Brasil, e que poesia era sinônimo de sucesso. Nem havia brasileiro digno deste nome que se atrevesse a ingressar na carreira das letras sem levar na bagagem meia dúzia de sonetos mais ou menos lapidares. Raríssimos escritores, naqueles bom velho tempo, inauguraram a sua carreira literária, sem indispensável estágio no soneto. Todos os outros, inclusive Coelho Neto, cujo soneto rebre — "Mãe" — anda por nas antologias, iniciaram suas atividades literárias perpetrando catorze versos para nazianzos, de rimas ricas e cheias de ouro. Dal se afirmava certa feita o sr. Américo Pa-

que nós possuamos uma literatura de sonetos. Ainda que maliciosa e irônica, a observação não deixa de ser razoável. Mas seria injusto negar utilidade a esse fenômeno literário. O soneto era, na vida de nossos poetas, uma ginástica utilíssima: dava-lhes agilidade e equilíbrio. Não podendo ingressar na vida civil das letras sem o serviço militar obrigatório do soneto, os nossos poetas começavam a sua "carreira" exercitando-se em algumas práticas salutares: frequentação do Dicionário de Rimas, aprendendo a contar sílabas pelos dedos. Resultado: enriqueciam o vocabulário e se habituavam a respeitar as leis do ritmo. Esse exercício concedia-lhes além de tudo outro proveito: libertava-os das seduções perigosas do demônio da facilidade, que tanto tem prejudi-

nado a geração post-modernista, cuja formação nada deve ao soneto. O soneto, nem tenha dívida, como composição literária, era um exercício necessário ao aprendizado das letras. Devia ser ensinado nas escolas, para que os nossos meninos aprendessem a amar a gramática e a beleza da síntese e do ritmo. O soneto é uma severa lição de contenção, de equilíbrio, de sobriedade, de compostura formal. Quem o pratica aprende a escrever com decoro e comedimento. Muita falta, por exemplo, ele tem feito aos poetas de hoje (como são poucos e em geral molinhos, os poetas post-modernistas!). Em todo caso, em virtude do seu uso e abuso, os nossos tempos do purismo e do formalismo literário não foram desmoralizados. E passou a ser considerado uma praga literária. Porque grassava em todo o país, de norte a sul, um caráter nitidamente epidêmico. Realmente, até há bem poucos anos (1924), pelo menos, os nossos poetas não sabiam fazer sonetos. E, posto não tivessemos ainda grandes poemas, já possuíamos dúzia e meia de sonetos famigerados. Todos os poetas brasileiros — e isto com visível escândalo dos que se pe-nitenciavam de idéntico pecado — começavam sempre, invariavelmente, rimando sonetos. E, nos poucos mais ou menos líricos,

A Indústria nacional do soneto que, mesmo sem o protecionismo das tarifas alfandegárias, prosperava assustadoramente, era um exemplo de organização e eficiência. O mais curioso, nessa manufatura brasileira, era que os fabricantes não se preocupavam, na realização das suas obras primas, com duas coisas: a "chave de ouro" e a "rima rica". Achada a "chave de ouro" — Eureka! — o poeta abria sobre as pernas o "Dicionário de Rimas", e com mão diurna e noturna pacientemente ia catando as palavras raras que, enfileiradas e bem comportadinhas, deviam constituir um dia a glória da literatura nacional.

O amor da rima rica era tal, entre nós, que um poeta de São Paulo, segundo me contou Guilherme de Almeida, levou três

anos — três anos de laboriosa — com um soneto interrompido, à espera de uma palavra que rimasse com "la pado". Afinal, após tantos anos de inquieta procura e paciência, tendo ido à Europa voltado, o homem do soneto encontrou o grande poeta "Raça", no Triângulo, abriu-lhe os braços líricos na efusão de um vasto gesto de cordialidade, gritou-lhe com um entusiasmo delirante:

— Achei!!!

— 21 —

E imediatamente ares-  
tou, sem mais delongas, ex-  
cando o mistério da sua fr-  
cabalística:

— Achei, meu caro poe-  
Achei, afinal, uma rima pa-  
"lâmpada": — "vâmpada".  
Estupenda! E' o nome de u-  
tribu da Asia. Agora, já po-  
acabar o meu soneto!

E despediu-se cheio de li-  
alegria.

Apesar disso, ou por isto mesmo, o soneto gostava, entre nós, de um largo prestígio. E havia no Brasil, sonetistas muito cultuados. Dáí não existirem pais um só poeta que não tivesse o seu soneto célebre. O soneto, na vida dos nossos poetas, era uma coisa fatal. Desde o grande Alberto de Oliveira ("Era um habito antigo que eu tinha") até o sr. Norberto de Góuêva ("Anda vem cá, d'ixa de prosa")... todos os nossos poetas perpetraram calzes versos notáveis, com uma "cheira de ouro".

Há, até, alguns poetas que são conhecidos pelo soneto tal. A este número pertencem Aníbal Teófilo ("A cegonha e Júlio Saluase" "Os cisnes" Por esse lado a praga do soneto teve outra utilidade: salvou anônimo muito poeta o nasceu com o precário destino de morrer ignorado. Isto é, o nome aos Soldados Desconhecidos da Poesia.

Mas os grandes poetas am-  
 gamente se queixavam dos si-  
 sonetos célebres. Raimundo  
 Correia não se conformava co-  
 as preferências que o públi-  
 dispensava ao soneto "As po-  
 bas". E Bilac confessava o  
 vexame diante da celebrida-  
 do "Ora, direis, ouvir estrelas  
 Realmente não havia na-  
 pior, no Brasil, para um poe-  
 do que fazer um soneto re-  
 bre... Era pior das desgra-  
 O soneto perseguia-o até  
 morte... hipocrite, o poeta

Os poetas modernos, se outa-  
utilidade não tivessem, teria-  
tido esta: libertaram a n-  
poesia da fatalidade lírica  
soneto. Tiveram, pois, uma fun-  
ção profética. E' caso, portan-  
to, de dar graças a Deus, em  
bora na certeza de que muitos  
deles — os melhores: Rona-  
de Carvalho, Manuel Bandeira,  
Ribeiro Couto, Guilherme  
Almeida — posto que liberta-  
dos os outros, não conseguiram  
escapar à tirania do soneto c-  
lebre. Quem não se recorda a  
admirável "Pastoral" de R-  
nald?

## A embaixada da cultura de Portugal

Na terça-feira passada, 5 do corrente, o Sr. Pinto apertou ao Rio de Janeiro, trazendo a seu bordo a Embaixada Cultural Portuguesa, que veio ao Brasil retribuir a homenagem que o ano passado tributamos ao velho país europeu, mandando a Lisboa, por ocasião da passagem dos centenários lusitanos, a missão chefiada pelo General Pinto e de que fazia parte, entre outros, Olegário Mariano, o príncipe da poesia brasileira.

A Embaixada Portuguesa é chefiada por Júlio Dantas, figura conhecidíssima em todo o nosso país. E' o atual presidente da Academia de Ciências de Lisboa e já foi Ministro dos Estrangeiros e da Instrução Pública em Portugal. Por ocasião da passagem dos centenários, foi ele o Presidente da Comissão Executiva a cujo cargo estiveram as organizações dos programas comemorativos. E' autor de numerosos livros, sendo que entre estes parece ter a predileção dos leitores brasileiros o seu poema *A Ceia dos Cardeais*, tanto por causa do texto, por grandiosa

Da embaixada fazem parte outros nove membros ilustres. Augusto de Castro é diretor-tor do Diário de Notícias de Lisboa. Tem um brilhante tirocinio de escritor e de político, já tendo sido ministro diplomático em Roma e em Bruxelas. Reinaldo Dantas é professor da Faculdade de Medicina de Lisboa e presidente da Academia de Belas Artes. Marcelo Caetano é professor da Faculdade de Direito de Lisboa. João de Amaral é deputado, jornalista e político.

O Major Carlos Afonso dos Santos, que na embaixada representa o Exército português, é um festejado teatrólogo. O Comandante Vasco Lopes, representante da Armada, é considerado um dos nomes mais brilhantes da actual Marinha Portuguesa.

Essa embaixada cultural recebeu, como era de esperar, a melhor acolhida em nosso país. Festas as mais expressivas se sucederam em sua honra, desde a sua chegada ao Rio, e estão ainda se sucedendo. Duas delas se revestiram da maior importância: o banquete do Itamarati, no dia 6, e a recepção da Academia, no dia 9. Na primeira, que consistiu num banquete, trocaram-se dois discursos da maior significação, destacando tanto o Sr. Osvaldo Aranha, que saudou a Embaixada, como o Sr. Júlio Dantas, que agradeceu a saudação, a conveniência de uma aproximação cada vez mais estreita, entre o Brasil e Portugal, nesta terrível hora que o mundo atravessa.

Na festa de ontem, a Academia Brasileira se engalanou para receber os escritores portugueses. Saudou os confrades lusos o Sr. Gustavo Barroso, para isso credenciado pela Nossa Academia. Respondeu em agradecimento o sr. Júlio Dantas. Também nos dois discursos entoados, ficou fixado este ponto — o da conveniência de uma aproximação cada vez mais íntima, em tudo que diz respeito aos assuntos de cultura e de orientação geral e política, entre os dois países.

A obra de Joaquim  
Manuel de Macedo

Há dias, foi inaugurada, em Itaboraí, cidadezinha do interior fluminense, uma biblioteca pública, destinada às crianças e às mulheres. Entre os livros que figuram em tal biblioteca aparecem alguns de Joaquim Manuel de Macedo. Alguns e não todos. E por quê? Porque Macedo está em grande parte esgotado, sendo impossível encontrar, hoje em dia, muitos dos seus livros, e dos ma-

Esse fato nos leva a considerar que se impõe uma reedição das obras do simpático romancista. Essa edição pode ser oficial, feita pelo governo do Estado do Rio de Janeiro. Já há alguns anos, a edição das Obras Completas de



# UM DIA COM LEITE DE VASCONCELOS

(continuação da pág. anterior)  
Silvio Romero. Foi um grande serviço que a cultura brasileira ficou devendo ao então governador Graccho Cardoso. E a obra do grande pensador, mestre da escola do Recife, pode ter desde então uma divulgação considerável.

Macedo vem sendo, hoje, muito negado. A geração atual, imbuída de um certo preconceito proustiano, encetou-se em negar os autores mais de superfície, que não souberam penetrar nas camadas profundas da psicologia humana. Mas isso há de ser aculeta até certo limite, e não é possível estabelecer, em matéria de literatura, que se tem merecimento o que obedece a tais ou quais regras. Se negarmos a Macedo todo o mérito, porque ele refletiu em sua obra o sistema e o método de sua época, que autor iremos salvar do nosso Romantismo?

Acredito que a Macedo já foi atribuído, por críticos entusiastas e que, que mais sabem do seu ofício, a glória de ter sido o verdadeiro criador do nosso romance.

E, portanto, o autor de *Moreniã*, queiram ou não queiram os proustianos do atual momento, um valor principal de nosso literário.

Assim sendo, é claro que a edição de suas obras completas se impõe. E o Estado do Rio, se a levar adiante, terá prestado a todos nós um incontestável serviço de ordem espiritual.

## O Sr. Getúlio Vargas na Academia Brasileira

Na sua última sessão, a Academia Brasileira de Letras elegu, para a vaga de Alcaide, Machado de Assis. E a obra do grande pensador, mestre da escola do Recife, pode ter desde então uma divulgação considerável.

Assim sendo, é claro que a edição de suas obras completas se impõe. E o Estado do Rio, se a levar adiante, terá prestado a todos nós um incontestável serviço de ordem espiritual.

Assim sendo, é claro que a edição de suas obras completas se impõe. E o Estado do Rio, se a levar adiante, terá prestado a todos nós um incontestável serviço de ordem espiritual.

Assim sendo, é claro que a edição de suas obras completas se impõe. E o Estado do Rio, se a levar adiante, terá prestado a todos nós um incontestável serviço de ordem espiritual.

Passai por Lisboa em 1927. Não, fixei minha atenção apenas nos sites históricos, nos monumentos, nos tesouros artísticos. Sobrou-me vagar para procurar alguns intelectuais das minhas relações e entre estes o dr. Leite de Vasconcelos não podia ficar esquecido.

O melhor ponto para encontrar o mestre era a Faculdade de Letras; para lá me dirigí. O mesmo ambiente de toda parte.

Nos corredores grupos de alunos, a conversar, a discutir assuntos de aulas, enquanto aguardavam os professores.

O dr. Leite acabava justamente uma aula quando eu cheguei. Não foi preciso que me indicassem a sua pessoa.

Já o conhecia pelo retrato publicado na antiga *Revista de Filologia Portuguesa* que se publicava em São Paulo.

Depois de eu bater e cabelos grisalhos, fisionomia severa, impressionou-me vivamente.

Recebi-me com satisfação e agrado e, alegando não termos ali lugar para conversarmos, emprou-me para ir almoçar com ele no próximo domingo.

Deu-me o endereço e exigi que eu fosse bem cedo pois muito teríamos que conversar.

A casa dele era na rua D. Carlos Mascarenhas, lá para os lados de Campolide, bairro que eu não havia ainda visitado e cujo grande aqueduto apenas pude admirar do trem que me trouxe do norte.

No dia marcado, às nove da manhã, batia eu à porta da casa do mestre.

Recebeu-me com a mesma afabilidade de dias antes; pediu-me licença para durante alguns minutos dar umas recomendações a uma três ou quatro alunos da Faculdade que lá se achavam.

Entretevi-me algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentei-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que li nos olhos) a respeito daquela visita matinal.

Um destes discípulos era o dr. Rebelo Gonçalves, que mais tarde havia de vir ao nosso país ocupar uma cadeira na Faculdade de Filosofia de São Paulo, ensinar filologia portuguesa e elevar a cultura aos nossos patriotas. Ele mesmo lembrou-me a visita que eu fiz ao mestre, numa ocasião em que estivemos juntos na Pauliceia.

Saídos os rapazes, o dr. Leite retirou-se por alguns minutos. Dei-lhe o olho pela sala e contemplei então as obras de arte, as curiosidades que o bom gosto e a paciência do arqueólogo ali haviam acumulado.

Ao voltar, começamos a palestra, que se havia de prolongar até as quatro da tarde.

Peculi-me impressões do que eu já havia visto em Portugal, falou-me em Coimbra, em Cintra.

Eu então lhe contei que me lembrava dele na célebre Sala dos Vasconcelos quando vi pintado no teto o brasão dos Vasconcelos que no Rio de Janeiro se acha num charfa da época colonial e num jardim do tempo dos vice-reis.

O dr. Leite tirava o dedo mínimo, se bem me lembro, um

anel de ouro com o brasão de família; em campo negro três faixas veredas e contraviradas de prata e goles.

Pouco nos demoramos na sala. Ele explicou-me a procedência de vários dos objetos expostos e em seguida me convidou para subirmos ao gabinete de trabalho.

Gabinete simples, modesto, o sentimento de um sábio.

Meus olhos avistaram percorrendo logo as estantes: coleções e coleções completas de revistas da nossa língua e de revistas estrangeiras; a Lusitana (para aqui no Brasil), a *Biblos*, a *Romania*, a *Zeitschrift*.

Depois os livros: o que há de melhor em linguística, em filologia clássica e em filologia românica.

Livros difíceis de encontrar aqui alguns: quase todos com dedicações preciosas: Meyer-Lübke, Gaston Paris, Charolla, Michiels, Spitzer, Bourcieu, etc. etc.

Depois de eu tomar conhecimento com os livros, o dr. Leite convidou-me a sentar e me declarou, que tinha uma porção de dúvidas sobre coisas brasileiras e esperava desfazer comigo algumas delas.

Lealmente eu lhe fiz ver que, quando viajo, me desligo quase inteiramente de preocupações intelectuais, fico todo voltado para o puro turismo, de modo que, sem documentos, assim de apêto, sempre que eu não me lembrasse, confessaria o meu esquecimento.

Conectaram então as perguntas. Quanta coisa, comum para nós daqui, se apresenta obscura do lado de lá do Atlântico; quanta coisa que não nos interessa, desperta a curiosidade dos portugueses e às vezes, constitui para eles um enigma.

De tudo quanto ele me perguntou, só duas questões me ficaram na memória.

Uma foi a etimologia da palavra *curral*, a época em que estivei a sua casa e a razão.

A outra se relacionava com a adoção de sobrenomes indígenas na época da Independência.

Beta nota o mestre aproveitou na *Astropalestra*, assim declarou na página 588.

Foi uma sabatina em regra. Quando eu tinha certeza, dava a informação.

Quando não tinha, francamente o declarava e ele apontava um ponto de interrogação na resposta.

Casos houve em que nada pude informar.

Cerca do meio-dia, apareceu no gabinete a sua irmã do mestre.

Uma senhora de certa idade, vestida de escuro, figura que lembrava algumas que conhecíamos de velhos romances portugueses, do Eça, de João Dinis e outros.

O mestre nos apresentou a irmã e ela nos comunicou estar na mesa o almoço à nossa espera.

O almoço, servido em velhas porcelanas autênticas da China, trazidas talvez, no século XVI ou no XVII, correu no meio da maior cordialidade.

As impressões que eu trazia do Norte de Portugal foram o assunto obrigatório.

Depois do almoço, voltamos ao gabinete e o dr. Leite contou-me então as suas viagens pela Euro-

pa, seus cursos em Paris, suas peregrinações pelos arquivos.

Eu ficava embevecido ao ouvi-lo.

Retornamos a sabatina sobre coisas do Brasil.

Levei-me, então, a uma saleta contigua ao gabinete.

A saleta achava-se envoltiva numa penumbra, de modo que, logo se eu entrasse, pouco pude distinguir.

Vi depois umas pranchas colocadas sobre cavaletes e candelas de divisões com fichas enfileiradas.

Nunca me foi dado contemplar mais completo fichário.

Naquele tempo eu ainda não praticava este processo de descansar a memória.

O fichário encheu-me de admiração.

Quanto saber ali acumulado. O mestre procurou aqui e dali até que afinal encontrou o maço com a desejada ficha, retirou-a e me passou.

Que destino terá hoje este fichário?

Que benefício à filologia portuguesa poder aproveitá-lo!

Mostrou-me depois o dr. Leite os livros brasileiros que possuía. Poucos e alguns de pouco valor.

Queixou-se das dificuldades do intercâmbio intelectual entre Portugal e Brasil, da falta de livros brasileiros nas livrarias, da precariedade das encomendas.

Mostrou interesse por publicações a respeito do tupi; eu citei-lhe algumas e depois mandei-as do Brasil.

Recebo de té-lo ocoado durante um dia inteiro, pedi-lhe para retirar-me.

eram cerca de quatro horas. Ele disse que tinha ficado muito contente com a minha visita, mas conchecendo por experiência própria o que são necessidades de turista, não se opunha à minha saída e até saíra comigo.

Vestiu uma sobrecasaca cinzenta, tomou a bengala, pôs na cabeça um chapéu de copa alta e saiu.

Andamos um pouco pela rua onde ele morava e, vendo à janela de casa o professor Nunes, apresentei-me.

Nunes, então tomou conta de mim.

Despedi-me do dr. Leite e entrei na casa de Nunes.

Na despedida o dr. Leite não deixou de recomendar-me que visitasse o Museu Etnográfico dos Jerónimos, por ele fundado, a sua menina dos olhos.

Eu prometi e demos o último aperto de mão.

Desde essa época nossas relações entraram numa fase de grande cordialidade.

Como lembrança da minha visita, ofereceu-me opúsculos seus com gentis dedicatórias, opúsculos que considero verdadeiras preciosidades não só pelo conteúdo, mas também pela procedência.

De vez em quando nos correspondíamos: uma ou outra carta (o dr. Leite escrevia pouco), cartões.

Quando Rebelo Gonçalves veio ao Brasil, pediu-lhe que me dissesse que fora era a semana em que não consultava o meu dicionário etimológico.

Fiquei tonto e consolado com a informação de Rebelo.

Um mestre como o dr. Leite de-

clarar que consultava o dicionário e frequentemente!

Basta esta honra para me fazer a campanha de mesquinhez levantada por despeitados contra o desprestígio, dicionário.

Portugal contou e conta notáveis filólogos.

Adolfo Coelho muito trabalhou. Epitácio Dias e Gonçalves Vianna outro tanto.

Versaram os mais diversos assuntos.

Nenhum, porém, trabalhou mais nem sobre mais assuntos do que o dr. Leite.

Não houve domínio da filologia portuguesa que não constituísse objeto de sua argúcia e da sua paciente pesquisa.

Lançou os alicerces da dialetologia portuguesa.

O "Espectador" d'une *Dialectologie Portugaise*, a tese com que se apresentou para o doutorado da Faculdade de Letras da Universidade de Paris, até hoje é o livro básico no assunto.

A descoberta e o estudo completo do mirandês bastaria para sagrar um filólogo.

O opúsculo *O Dialeto Mirandês* agradeceu-lhe o primeiro prêmio no concurso filológico aberto em 1883 pela Sociedade des Langues Romanes.

Seu trabalho *Antropomorfismo Português* representa o mais exaustivo estudo que até hoje apareceu acerca do nome próprio personativo português. Daxout não o esqueceu na bibliografia de sua obra *Nomes de pessoas*.

Segundo está declarado na *Antropomorfia*, tinha em preparação um estudo sobre a *Toponímia Portuguesa* para completar assim a *Osmatologia*.

Craxá tinha ficado terminada este trabalho.

A quem se não a ele se deve a publicação da *Revista Lusitana*, este precioso repertório de artigos e textos de filologia portuguesa num espaço de cerca de quarenta anos?

Que destino aguardará a *Revista* agora?

Difícil tarefa substituir na direção dela o dr. Leite.

Não foi só na filologia que o dr. Leite prestou ao seu país os mais relevantes serviços.

A etnologia, a etnografia mereceram também os seus cuidados. Referi-me atrás ao Museu Etnográfico.

Além dele, muitas e importantes obras atestam seu esforço nestas áreas do pensamento.

Mais viveram ele, mais teria produzido.

Nos últimos tempos, dominava o receio da morte antes de ter publicado todas as suas observações, notas.

Chegava mesmo a declarar que dava certas notas à publicidade sem maiores desenvoltamentos porque temia morrer sem as dar à publicidade.

De 1882 a 1941, mais de sessenta anos, este homem laborioso só pensou na ciência, em estudar, em transmitir-nos o resultado dos seus esforços, de suas lucubraciones.

Bem-dita existência que o descendente dos Vasconcelos tão bem soube preencher.

Os seus alunos do Brasil curvavam-se reverentes à sua memória, rendendo-lhe um preito de saudade.

**ANTENOR NASCENTES**

de. Mas a verigem do trabalho nunca me deu lugar para fazer uma apurção rigorosa.

Há três anos passados estava eu na Biblioteca Nacional, consultando jornais antigos, quando me lembrei do fato. Fui o "Correio da Manhã" do tempo em que publicou o meu primeiro livro. Lá estava a crônica de João Ribeiro.

Não havia, porém, uma linha em que ele confundisse com versos a minha desalinhada prosa de estrepante.

Lembrei-me, meu caro Mucio, de que lhe comunicou o que acabava de apurar.

Depois disso pretendi tratar do caso publicamente, mas numa grande ocasião. Tive intenções de o fazer no meu discurso de posse na Academia. Mas não achei jeito de encantar o curioso episódio no discurso.

E o tempo foi passando e eu, com o tempo, fui me esquecendo. Que agora, de uma vez para sempre, fique tudo liquidado! João Ribeiro não disse. A sua pitoresca distração não o fez afirmar que era de versos um livro que, da primeira à última linha, era de prosa. Rio, 19 de Junho de 1941.

## JOÃO RIBEIRO, crítico

### A propósito de uma blague literária

acreditar na confusão de prosa com verso.

A repetição tem, na verdade, um poder mensurável. Todo o mundo o acreditou na história. Todo o mundo e até o próprio João Ribeiro. Morreu convencido de que a sua distração o levava a tal absurdo.

Do correr da vida tive a honra de merecer dele excelentes provas de apreço. Conversáramos horas inteiros e, às vezes, a acusação lhe era feita constantemente) nos próprios dias em que ele ou aquele articulista lembrava a confusão. O mestre nunca me falou no assunto.

Má um fato que nos persuade de que ele acreditava no erro. É uma das páginas do brilhante Joaquim Ribeiro. No livro "Nove mil dias com João Ribeiro", Joaquim adotei tranquilamente o caso como real.

Apear de tudo tive sempre uma vaga desconfiança de inveracidade.

Um artigo que nos arrama, nunca o lemos integralmente. Um pedaço aqui, outro pedaço ali e, quando chega ao ponto culminante do arrastamento, abrimo-lhe fora, com desprezo. Foi o que fiz com a crônica de João Ribeiro. A rigor eu não sabia bem tudo que ele havia dito de mim. Era-me fácil

*E' corrente, em certos meios brasileiros, que João Ribeiro, ao noticiar o aparecimento das "Minarettes", da autoria de Viriato Correia, tratasse esse livro, que é de conto, como sendo um livro de versos. Ao encontrar, pela décima vez, essa "blague", reprodutida no livro de um brilhante parlatório que já se tem conhecido por todos os leitores, ridiculoso da nossa botocomania literária, escrevo uma carta do autor das "Minarettes", solicitando nos dissesse se a acusação feita a João Ribeiro era ou não verdadeira; e, no caso afirmativo, indicasse o local e a data do incriminado artigo.*

*Em resposta, Viriato Correia enviou-me a carta que aqui reproduzimos, e que encerra uma vez por todas a infundada e mentrosa a informação de que o grande crítico tratava os "Minarettes" como sendo um livro de versos.*

*Eis a carta de Viriato Correia:*

*Meu caro Mucio Leão,*

João Ribeiro não disse. Quando, no Maranhão, publicou o meu primeiro livro (livro de contos regionais com o horrível ti-

to "Minarettes") João Ribeiro, pelo "Correio da Manhã", desancou-me fortemente.

Antes depois, aqui no Rio, li, num jornal, que João Ribeiro, ao desancar-me, afirmara ser de versos o meu livro, quando, na verdade, era de prosa.

**VIRIATO CORREIA.**

# Páginas dos Autores Mortos

Nas velhas coleções de jornais e revistas brasileiras, perdidas nos arquivos públicos, estão cobertas de pó páginas encantadoras das nossas letras. Autores e livros resolveram, como um dos pontos do seu programa cultural, ressuscitar essas páginas agora mortas, que tanto lucraremos em conhecer.

Nas Páginas dos Autores Mortos, como intitulamos essas colunas de resurreições literárias, encontraremos os leitores, hoje, alguns trabalhos que estão no caso a que aludimos. Uma deliciosa crônica de Machado de Assis, que fomos arrancar às suas *Balas de Estalo*, do tempo em que ele se assinava Lello; um soneto de Raimundo Correia, traduzido de Sully Prudhomme; um formoso poema de Alberto de Oliveira; um discurso marmoreo de Olavo Bilac, inaugurando o monumento de José de Alencar...

Esses alguns trabalhos que oferecemos, hoje, à curiosidade do leitor, certos de que essas páginas ressuscitadas não de ser recebidas com a atenção carinhosa que merecem.

## A LOUCA

(SULLY PRUDHOMME)

**1** Da e noite ela errava a ver quem descobria  
A flor que vira acaso, um dia, na Alemanha;  
Pequena e debil flor, flor como as da montanha,  
De um perfume esquisito e de uma cor sombria.

Das viagens que fez, trouxe a melancolia  
E o inextinguível punhal dessa lembrança estranha;  
Certo encanto mortal, sem dúvida, acompanha  
A flor que na Alemanha, acaso, vira um dia.

— Quem, porventura, o odor lhe aspira ao caliz, sente  
Um novo mundo nalmá, abrir-se de repente —  
Dizia ela a morrer saudosa desse odor.

Por ela muita gente a planta em vão buscava;  
Mas a Alemanha é grande e aquela flor é rara,  
E a louca morre, enfim, sem ver de novo a flor.

(Almanaque da "Gazeta de Notícias" — 1886)

## TEORIA DO ORVALHO

Alberto de Oliveira

**2** Inda do céu do Oriente  
Dorme a Manhã formosa  
Na tendra cor de rosa;

Sua corça ardente,  
Toda rubinha, a um canto  
Vê-se e a broslada manta.

Inda velando alerta  
Jaz, apicado o ouvido  
Ao infinito ruído,

O anjo que o azul desperta,  
Quando a canção doeta,  
Ao seu clarim de prata,

Nada a abobada agita,  
Emblema, que repousa  
E é como vazio louca.

Silêncio. E a alma infinita  
Do sereno, no regaço  
Sonha do eterno espaço.

A estrela d'alva apenas  
Brilha nos ares, alva...  
Que linda a estrela d'alva!

As regiões serenas  
Do firmamento infinito  
Vai subindo, subindo...

Estrela, que te leva  
A andar como uma espia,  
Só, pela eterea via?

Que te conduza à treva,  
As sombras em repouso,  
Astro silencioso?

Como, suscitando os mares,  
Branca por entre a bruma  
Branca num chão de espuma,

Passa uma vela — os ares  
Assim fende tranqüila,  
E límpida cintila.

Vai pelo azul levada,  
E há séculos águila  
Rumo o destino a impele;

Ná séculos a estrada  
Do céu percorre e explora  
Para casar a Aurora.

Nuvens de irio aspecto,  
Monstros de ar formidando  
Tôpa de quando em quando?

Mas no eterno trajeto,  
Que há-de fazer? — não para...  
Como uma tocha clara,

Trémula, os ares corta,  
Por sob as nuvens brilha  
E do outro lado brilha.

As vezes, semi-morta,  
Tonta de sono vaza,  
Apega... não apaga...

Mas que dizem dela  
Se, em lânguido abandono,  
Viene a ceder ao sono?...

Não, miseranda estrela,  
Vai pela estrada afora,  
Antes que chague a aurora!

Brilha, farol de neve!  
Fulge na tua magua,  
Suspensa pingo d'água!

Receandente-te! descreve  
Na tua luz giro vário,  
O astro solitário!

Mas que extensão enorme  
A estrada em que caminha  
A misera, solitária!

E todo dormel dorme  
O firmamento mudo,  
Dorme na terra tudo!

E a sua comigão, em prantos,  
Deplora a sua sina  
A estrela peregrina!

— "A astro nenhum de tantos  
Que conta o céu, foi dado  
Tão doloroso fado!"

Que mal fiz eu tamanho  
Para viajar, sem tréguas,  
Assim léguas e léguas,

E por caminho estranho  
Que tanto me apavora,  
Ir anunciando a Aurora!...

Quem tem na natureza,  
Por mais que do teu suporte,  
Sorrie como esta sorte!

Eternamente acosa!  
Eternamente, em passo  
Eterno, pelo espaço!

Do humido Oriente o leito  
Deixou má reputação  
As palpebras de escrava.

E a aragem fria o peito,  
Nua, aqui vou por esta  
Estrada fúnebra.

Certo, bem pouco valho,  
Pouco de ser a estrela,  
A mais radiante e bela!...

Diz E em brilhante orvalho,  
Finissimo, converte  
As lágrimas que verto.

Nas folhas e nas flores  
Mil pingos cintilantes;  
Tremem como diamantes!

Colar de várias cores  
Mil "otas d'água acendem,  
E as arvores suspendem,

Mil lágrimas derrama  
E espazee leve a aragem  
No escuro da folhagem;

Mil pérolas, a chama  
Rósea do dia, saltam  
E o verde campo esmaltam...

Explicando-se um dia,  
Ainda falou de um galho  
Uma gota de orvalho.

Depois, tremendo e fria,  
Tal como a estrela a es'hora,  
Se dissolvia na Aurora.

(Cidade do Rio, de 2-1-1899)

# Cristo Junior O Monumento de José de Alencar & Custódio

(Balas de Estalo)

Léllo (Machado de Assis)

**3** Custódio e Cristo Junior!  
Tudo são os nomes de  
duas interessantes criatu-  
ras, cujos feitos andam nas  
folhas públicas e nos anais  
judiciários. Podia dizer-lhe  
palavras menos graves, mas então  
decairia do assunto, que é gra-  
víssimo.

Vejam os que fez Custódio; de-  
pois veremos o que fez Cristo  
Junior.

Custódio (subentende-se anjo,  
anjo Custódio) não fez absolutamen-  
te nada. Foi Deus que matou  
as rezes; ou então foi algum per-  
verso que as envenenou. O certo  
é que elas apareceram erradas e  
mortas, na chácara de Castanheira,  
que o leitor da corte não conhece,  
nem eu, porque fica em Sorocaba.  
Custódio o que fez, foi pegar das  
rezes, cortá-las, salgá-las e ven-  
dê-las.

Trago isto à coleção, como dizia  
o outro, para perguntar o leitor  
como é que procederia, se tives-  
se de julgar este homem. Ele é  
verdade que lá vender as rezes  
envenenadas, que receberia por  
elas um cobrinho, compraria um  
burro, talvez dois, talvez três bu-  
rros, viria à corte, ao teatro, para  
vir um pouco, mas é certo que não  
as ia vender em Sorocaba. Uma  
maneira, que lá vendê-las ali-  
vies, na Limeira, em São José dos  
Campos, longe dos olhos, longe do  
coração. Se há uma virtude uni-  
versal e outra nacional, por que  
não há de haver uma virtude mu-  
nicipal? Verdade em Sorocaba,  
erro na Limeira. Para os ventres  
da Limeira, Custódio é execra-  
do; para os de Sorocaba, é anjo-  
lico, verdadeiro Custódio. Custó-  
dio sem mais nada.

Cristo Junior não fez a mesma  
coisa, mas não é menos sutil o  
problema que ofereceu, nem menos  
buro o impulso. Não se trata de  
um mariflor, como se pode crer  
pelo nome; não morreu nem mor-  
rerá na cruz. Entretanto, o nome  
de Cristo Junior parece estar  
aqui para distingui-lo do outro  
Cristo, que é o Senhor, Chame-  
mos-lhe simplesmente Junior.

Junior parece que falsificava uma  
bilhetes de loteria, e encurru a ven-  
dê-los. Aparentemente, é um crime;  
mas se atentarmos bem, ver-  
emos que é, pelo menos, uma  
virtude.

Convenhamos notar que Junior pode  
ter sentido uma tal ou qual co-  
michão interior. Santo Antônio  
teve igual prurido e resistiu, don-  
de veio a canonização; Junior  
não resistiu. Comendo-lhe o carac-  
ter, não pôde deixar de meter-lhe  
as unhas e coça-lo até faltar a  
epiderme. Em termos lises, Junior  
teve cócegas de falsificar alguma  
coisa neste mundo, fosse o que  
fosse, a escolha, virtude ou vício.

Podia imitar uma nota de du-  
zentos mil réis (bela e rara virtu-  
de!) ou uma prefição de dez lotes  
da loteria, e fez uma imitação tão  
perfeita, que ia dando com os  
burros (do vizinho) náguas. O pior  
que podia acontecer a gente, era  
ficar com os bilhetes brancos na  
mão; mas nem seria a primeira  
vez nem a última.

— Compre este número! Olhe  
esta loteria, que tem um bonito  
plano! Chamam os rapazes na rua  
do Ovidor, esquina do beco das  
Candelas, quando mechem à cara  
da gente os seus bilhetes.

Junior tinha um plano muito  
superior, que era ficar do mesmo  
modo com os coques, e deixar nas  
mãos da gente a sombra de uma  
sombra. Mas, como era o vício,  
de um vício, podemos contá-lo por  
mela virtude.

Mela virtude ou virtude munici-  
pal, é a virtude posta ao alcance  
de todas as mãos. Custódio ou  
Junior, ou qualquer outro nome,  
que eu de nomes não cure, como  
dizia o Garret, que Deus tenha  
por lá muitos anos sem mim.

Meia fórmula, empírica e simplista,  
é bem verdade, poderia, entretan-  
to, suprir a nossa incapacidade de distinguir tão revalatório.  
Diríamos, então, que há plágio quando há similitude entre um autor me-  
diocre e um bom autor, se sabe a prioridade do segundo, há impre-  
gação quando é o bom autor que se impressiona pelo mediocre.

Impossível tarefa definir tal fenômeno e, principalmente, pre-  
cisar os exatos limites, na convergência de idéias, de imagens, de  
temas, e separar do plágio.

Uma fórmula, empírica e simplista, é bem verdade, poderia, entretan-  
to, suprir a nossa incapacidade de distinguir tão revalatório.  
Diríamos, então, que há plágio quando há similitude entre um autor me-  
diocre e um bom autor, se sabe a prioridade do segundo, há impre-  
gação quando é o bom autor que se impressiona pelo mediocre.

Essa conceitualização se fundaria no princípio incontestável de que na  
literatura, como na arte, a expressão é tudo e de que, assim sendo, é  
que cabe a o escritor que possui expressão própria, que tem um estilo  
individual, capaz de transfundir, nesse estilo, e, por ele, quanto a impro-  
(Continua na pag. seguinte)

(Almanaque da Gazeta de Notícias  
classe, 1886).

**4** Na inauguração do monu-  
mento a José de Alencar,  
em maio de 1897, Olavo  
Bilac pronunciou o seguin-  
te discurso:

"Senhores: Quando Pericles (tal-  
vez o filho maior dessa Grécia que-  
rida, cujo nome é tão doce lem-  
brar, mesmo nesta hora tristis-  
ma em que a alma latina se a  
Terra Santa da Arte profanada pe-  
lo povo bárbaro do Grande Asia-  
sino) quis dar a Athenas a glória  
imorredoura de possuir o Acropó-  
lio, não hesitou em pedir ao  
povo ateniense, a honra de des-  
cobrir o monumento, e honra de  
dois milhares de talentos. E como  
o partido aristocrático recusava  
diante da responsabilidade des-  
sa enorme despesa, em que se-  
riam tragadas todas as contribu-  
ções dos aliados e todas as riquezas  
do tesouro de Delos, — Pericles de-  
clarou que, sozinho, se responsabi-  
liçaria pela construção do Acropólio,  
mas que também ele teria a honra  
de ver o seu nome inscrito no pó-  
rtico de mármore. Então todo o  
povo ateniense, com aquela febril  
ambição de glória que o levou a do-  
minar a terra pelo pensamento, de-  
pois de haver dominado pelas ar-  
mas, rompeu a clamar — que não!  
que não! que todos eles queriam  
ser venerados pela posteridade,  
quando ela beifasse, chorando, as  
ruínas daquelas estatuas, os blocos  
esbarrados daqueles mármores, o  
cadáver daquela cidadela — tem-  
plo que lá surgiu ao vulto criador  
de Phidias.

Assim, a estátua colossal de Pa-  
las-Athene, de ouro e marfim, sim-  
bolo da sabedoria divina, de pé, so-  
bre a rocha sagrada, afrontando o  
mundo, olhando a incensidade do  
mar com as suas pupilas de oniz, e  
protegendo o povo grego com a sua  
égide sacrosanta, foi de fato uma  
criação de Pericles. Dentro do San-  
tuário da deusa, sob seus pés,  
aninhada pelo culto extremado da  
arte, nasceu toda a civilização do  
Occidente.

Não lá no Brasil, senhores, esse  
amor coletivo da arte. O mesmo  
fato de se erguer hoje na praça  
pública a estátua de um homem  
de letras, não prova que o Brasil  
comece a amar verdadeiramente  
aqueles que tentam fixar nas pági-  
nas de um livro, nas tintas de um  
quadro, nas linhas de um mármore, de uma  
estátua, a grandiosa e sua terra:  
há dois anos, lembrada pela im-  
pressão de uma cidade mineira, sur-  
tiu esta idéia de honrar a memória  
querida de José de Alencar; ao ca-  
bo de dois anos de luta, as subs-  
tâncias populares não bastaram pa-  
ra pagar o trabalho do artista.

— Mas, no rochedo que dormira na  
placidez de Paphos, entre o Hi-  
matio, o Lycaetio e o Pelion, —  
no rochedo onde Pallas-Athene,  
com um simples golpe de sua lan-

ça, fez brotar a oliveira de folha-  
gem pálida, e arvore bem amada  
de Attila, — nasceu se teria feito  
a obra imortal do João de Phidias,  
se o artista não tivesse a sustentar  
o seu talento, aquele homem se-  
reno, tão amigo da paz, que pôde  
dizer na hora da morte: "Dizem  
que foi a obra prima da minha pa-  
ria e do meu tempo; mas se o único  
elogio que de mim mesmo faço, é  
declarar que nunca, por minha  
culpa, um Ateniense trajou luto!"  
Phidias não existiria sem Peri-  
cles.

Trabalhar, entre o silêncio indi-  
ferente de uns e o ódio de outros;  
trabalhar sem descanso, tendo co-  
mo conforto único a fé no próprio  
trabalho; trabalhar sem recompen-  
sa, apenas para cumprir um de-  
ver, sem esperança de popularidade  
— é virtude que a poucos almas é  
fada.

Mas há no Brasil quem a possua.  
Basta citar o nome de Rodolpho  
Bernardelli, o mestre moço e que-  
rido, que perpetuou no bronze o  
canto de "Iracema".

Enquanto cá fora, a vida política  
tumultuosa, na sua esterilização,  
o artista obscuro e modesto, no re-  
colhimento do seu atelier, vive fo-  
chido com o seu grande sonho,  
molhando a arte brasileira o me-  
lhor da sua vida, toda a força do  
seu cérebro, toda a força da sua  
alma.

Só, sem animação, vendo logo  
surgir, em torno de qualquer pro-  
jeto seu, todo um mundo de difi-  
culdades, trabalhando numa terra  
em que ser artista, se não chega  
a ser uma deshonra, também não  
chega a ser uma honra, — Bernar-  
delli deu a José de Alencar, talvez  
conhecido ainda hoje como político  
do que como romancista, a mais  
bela e mais duradoura das con-  
gruências: já agora é possível que  
a profusão das letras mereça mais  
respeito, uma vez que o povo está  
vendo que um homem de letras me-  
receu também a homenagem di-  
vida aos heróis e aos benfeitores  
da pátria.

E não seria justo que o nome do  
escultor não fosse entregue ao  
aplauso público, ao lado do escritor  
glorificado? ...

Que é este dia, o primeiro dia da  
nova do governo do meu país, a  
manifestação pública de que de-  
seja honrar a Arte e Literatura do  
Brasil, vindo assistir a esta festa  
de homens de letras, possa sentir  
uma era nova de florescimento in-  
tellectual! Mas, enquanto não che-  
gam esses dias de ouro, enquanto  
um Pericles não vem, que saiba  
compreender a campanha da nossa  
educação artística, depois de ter  
clamado o nome de Alencar, acle-  
memos o nome de Bernardelli, pois  
que ele representa de dedicação, de  
probidade e de talento!"

"Cidade do Rio" — 3-5-1897.

## Fontes de uma poesia

Onestaldo de Pennafort

**U**m dos problemas literários mais complexos é, sem dúvida, o plágio.  
problema que se torna tanto mais involutivo à proporção que, com  
o decorrer do tempo, as experiências literárias se acumulam.  
Em geral habituamos-nos a confundir com uma mesma denominação  
as diversas espécies de encontros de idéias que podem ocorrer entre es-  
critores. Para a maioria das pessoas, não há diferença entre o plágio pro-  
priamente dito, a alusão e a reminiscência.

Entretanto, desde a sua definição etimológica, o plágio, — processo al-  
truímo de pilhagem, reproduzido sem nenhuma invenção, — implica a in-  
tencional desonestidade, que não existe naquelas duas outras formas de apro-  
ximação.

Se a reminiscência ocorre inconscientemente, a alusão é intencional,  
em aplicação, é um requinte de arte literária, uma forma elegante de  
crédito, tanto mais superior quanto se distancia da citação literal.

Assim, Raimundo Correia, no terceiro das seguintes versões, apresenta  
um exemplo feliz de alusão a Camões.

Um dia, ao fim de incansável jornada,  
de uma longa jornada, por alma feita  
com perigos não menos do que danos,

\* Caíro Verde apresenta outro em verso gerundial digno de Os Lusitâ-  
nos.

Para um trabalho lúcido, violento,  
cantando, praguejando, batelhando!

Amplios exemplos, essas, mais raras, como estudo, do que a citação li-  
teral de Manuel Bandeira, em soneto dedicado ao grande vate e aliás  
muito belo:

Não morrerá sem poemas os soldados  
a língua em que cantaste rudemente  
as armas e os barões assinalados.

É natural que a alusão, sendo no autor que a aplica uma forma de  
irradiação, exija do leitor a mesma preparação mental — e daí confundi-  
se com o plágio, toda vez que se não verifique tal correspondência entre  
autor e leitor.

Não menos fácil, porém, de ser confundido com o plágio, é a terceira  
forma de aproximação literária, que chamamos vulgarmente reminiscên-  
cia e que Gabriel de Houx chamou, com maior felicidade e propriedade  
"imprecação ou telegrafia".

Impossível tarefa definir tal fenômeno e, principalmente, pre-  
cisar os exatos limites, na convergência de idéias, de imagens, de  
temas, e separar do plágio.

Uma fórmula, empírica e simplista, é bem verdade, poderia, entretan-  
to, suprir a nossa incapacidade de distinguir tão revalatório.  
Diríamos, então, que há plágio quando há similitude entre um autor me-  
diocre e um bom autor, se sabe a prioridade do segundo, há impre-  
gação quando é o bom autor que se impressiona pelo mediocre.

Essa conceitualização se fundaria no princípio incontestável de que na  
literatura, como na arte, a expressão é tudo e de que, assim sendo, é  
que cabe a o escritor que possui expressão própria, que tem um estilo  
individual, capaz de transfundir, nesse estilo, e, por ele, quanto a impro-  
(Continua na pag. seguinte)



(Continuação da pág. anterior)

nosse, seja através de outros. De-me aí a fundação de re-criação, de sua criação, encontrando a cada passo nas maiores excitações de todos os tempos.

As aplicações engenhosas das paragens dos antigos — dia Píezre Contar — devem ser tomadas no número das nossas próprias invenções". E não existindo, de certo, idéias propriamente originais, a função literária estará, talvez, nas infinitas variações de uma idéia através dos estilos.

Do domínio da literatura, é na poesia, principalmente, — em razão do seu caráter gnomico — que o público encontra o maior campo para a conclusão do diálogo com a imaginação. Tal autor, ao ler uma determinada poesia, se recordará de outra com maior facilidade do que lhe ocorrerá na semelhança entre duas páginas de prosa.

E, no entanto é na poesia justamente que melhor se pode distinguir o plágio da imaginação — pois que o seu elemento vital é o ritmo e este é um dom pessoal, uma característica inconfundível, no verdadeiro poeta. Tudo este impregnar-se de tal ou qual idéia aliena, de tal ou qual imagem. Mas à expressão dessa mesma idéia, dessa mesma imagem, ele comunicará fatalmente um sentido diverso, uma vida própria, um matiz inédito, pelo milagre do ritmo.

\*\*\*

A tais considerações leva-nos a análise de uma das poesias mais justamente conhecidas e apreciadas de Olavo Bilac, aquela em que, porventura, representam todos as características inconfundíveis do que foi "o gênio dos poetas brasileiros", e, principalmente, as características da melhor fase do poeta, que é, a nosso ver, a da "Via Látea, das "Sarcas de Págo" da "Alma Inquieta".

Arrebatadamente lírico, enamorado de si mesmo, volutuosidade sem furtura; línguas simples, mas cultivadas; adjetivação fácil, mas justa; métrica rigorosa, mas com aparência de fluidez desquidada; a frase familiar unida às vezes às mais convencionais expressões literárias; a frequência do paralelismo; enfim, o verso derivando das mais puras fontes rítmicas da língua, mas enriquecido da cadência brasileira que o romantismo legou, e, transcendendo tudo isso, um ritmo feliz na sua própria fecundidade.

Tais as características poéticas, de estilo, de inspiração e de forma, — marcantes do poeta, — que se encontram nos célebres Terceiros, poesia que, como se sabe, pertence à "Alma Inquieta", parte da obra de Bilac dada à publicação editorial a partir da segunda edição do volume das Poesias, que data de 1902 (circunstância que convém fixar, por significativa, como se verá adiante).

Ainda que sobejamente conhecidos, recordemos os belos versos:

I

Noite ainda, quando ela me pede  
entre dois beijos que me fesse embora,  
eu, com os olhos em lágrimas, dizia:

"Espera ao menos que despente a aurora!  
Tua alvura é efêmera como um sonho...  
E não que escuridão há lá por fora!"

Como queira que eu vá, triste e sozinho,  
exando a treva e o frio de meu peito  
ou ao frio e à treva que há pelo caminho?

Quem? E o vento? É um temporal desfeito  
Não me arvoje a chuva e a tempestade!  
Não me exiles do vale do teu leito!

Morrerei de aflição e de saudade...  
Espera até que o dia respandea,  
aquece-me com a tua morridade!

Nobre o teu cále deita-me a cabeça  
repousar, como há pouco repousava...  
Espera um pouco! deixa que amanheça!"

— E ela abriu-me os braços. E eu fitava.

II

E já manhã, quando ela me pede  
que de seu claro corpo me afaste,  
eu, com os olhos em lágrimas, dizia:

"Não pode ser! Não vêes que o dia nasce?  
A aurora, em sangue a fogo, as nuvens corta...  
Que diria de ti quem me suscitara?"

Ab! não me digas que sou pouco imperial!  
Que pensariam, vendo-me apressado,  
tão cedo assim, saindo a tua porta,

vendo-me calado, pálido, cansado,  
e todo pelo aroma de teu beijo  
escandalosamente perfumado!

Ó amor, querida, não exales a pele...  
Espera até que a sol desapareça,  
beije-me a boca! mata-me o desejo!

Nobre o teu cále, deita-me a cabeça  
repousar, como há pouco repousava...  
Espera um pouco! deixa que amanheça!"

— E ela abriu-me os braços. E eu fitava.

Não há quem possa negar que uma poesia seja eminentemente bilaciana, que a ela contenha todas as qualidades específicas que fazem a originalidade do cantor da "Via Látea".

Pois esse poema, de sabor tão original, de um grande poeta nosso, é o que se poderia chamar uma pequena antologia de Imagens. Mas analisemos, para comprovação do que dissemos, em seus dois elementos, tema e forma.

\*\*\*

A inviolabilidade dos amantes — quando encontram prazer na mútua companhia — que, tendo de se separar, procuram prolongar os instantes felizes, retardando o momento da separação, com recurso em argumentos especiosos — é tema que pertence ao senso comum e que tem sido tantas vezes explorado em verso.

Da forma por que o foi, porém, em Bilac, constitui uma legítima interpretação de Romeno e Julietta, isto é, da celebríssima segunda cena do balcão.

Nos Terceiros, como na cena shakespeariana, a ação se passa no interior de uma alvura amorosa, os primeiros bruxuleios do dia que deverá impor a separação dos amantes, um dos quais reiteradamente nega que o dia desponta, afirmando que, ao contrário, é cedo, no sentido de que "ainda é noite".

Nos Terceiros, é sempre o amante que ora afirma que ainda é noite e, portanto, cede para partir, ora que já é dia e, portanto, tarde demais; em Romeno e Julietta a dialética amorosa e contraditória é desenvolvida ora pelo amante, ora pelo amante.

Falta a poesia de Bilac o elemento trágico que há a imortalidade da peça inglesa, isto é, não só a atmosfera que os versos dos Terceiros respiram nada tem de dramática, como não sabemos o motivo por que se devem separar os amantes. Não nos dá a impressão de que apenas a conveniência dita a separação, enquanto em Romeno e Julietta é a fatalidade que arranca — e para sempre — os dois amantes dos braços um do outro, é o fatal dos latinos.

A observação é fácil. Mas o curioso do ponto é que Bilac começou por se inspirar no próprio Shakespeare, tendo escrito os Terceiros após a leitura, em alexandrinos rimados, dos versos brancos de Shakespeare, versão que apareceu, pela primeira vez, como os Terceiros, na edição de 1902 das Poesias.

Nunca será demais repetir essa bela tradução que se tornou um sucesso colossal na nossa literatura:

JULIETA

Por que partir tão cedo? Já vem longe o dia...  
Quem? É o ruído. Não é da cidade  
esta encantada voz. Segura, meu amor!  
quem canta é o ruído na rouxinola em flor.  
Toda a noite esta voz, que te seria o ouvido,  
pôde a solidão como um longo grido.  
Abre-me-a! Não! Não vem longe o dia!

ROMEU

Vê! A voz da colônia anelando a aurora!  
Vê! A voz da colônia anelando a aurora!  
Das nuvens do levante a luz e o ardor vem

e apagam-se de todo as lâmpadas do céu.  
Já, sobre o céu, as estrelas  
hesitam, a manhã corada do rosa,  
agita os leões e fixa a palpitante  
noite as asas de luz, como quem quer voar.  
Olhai! mais um momento, um rápido momento,  
e a dia partirá por todo o firmamento!  
Adem! deve partir! Partir para viver...  
Ou ficar a teu pé para a teu pé morrer!

JULIETA

Não é o dia! O espaço lá se estende, cheio  
de néctar caridoso. Exala do igneo solo  
o sol, pálido e hum, rodeado de estrelas  
só para te guiar por entre a corração...  
Fica um minuto mais! por que partir tão cedo?

ROMEU

Mandas? não partires! esperares! sem medo  
que a morte, com a manhã, venha encontrar-me aqui!  
Suscumbirei feliz, sucumbindo por ti!  
Mandas? não partires! queres? dizei comigo  
que é mentira o que vejo e mentira o que digo!  
Sim! tens razão! não é da colônia a voz  
que encanta-me, não é da colônia a voz  
e um reflexo da tua claridade estranha  
que aponta no horizonte acima da montanha!  
Fica para te ver, fico para te ouvir,  
fica para te amar, morre por não partir!  
Mandas? não partires! esperares! sem medo  
Julietta assim e quis: levanta-se a morte!  
Meu amor, meu amor! olha-me assim, assim!

JULIETA

Não é o dia! é a manhã! Parte! fuge de mim!  
Parte! apressa-te! fuge! A colônia a voz  
e de nascença em fogo o dia se levanta...  
Ah! reconhece enfim estas notas fatais!  
O dia!... A luz do sol treva de mais em mais  
sobre a noite nupcial do amor e da leucura!

ROMEU

Crede... E cresce com ela a nossa desventura!  
Como se vê a despeito da introdução de acréscimos descritivos adicionais parnasianos e, portanto, estranhos ao texto original, o clima dramático variou por um sopro angustiante de paixão e tragédia, e bem diverso da volutuosidade fácil, do capricho amoroso e inconsequente, da galanteia de alvura e mesmo do tom facetoso dos Terceiros. A atmosfera e outra, evidentemente.

Constituem então estes matizes uma variação, uma contribuição original trazida pelo poeta da "Via Látea", ao tema eterno? Ainda neste ponto, há divergência. É a prioridade da inovação cabe, ao que parece, a Catulle Mendes — um dos corifeus do parnasianismo na França, como Bilac é foi no Brasil — que, além desta poesia das Serenades, publicadas em 1876,

La main riant, ingénu;  
tu m'as dit: Viens! je suis venu.

Un peu plus tard, tu m'as dit: Chante!  
J'ai chanté ta grâce méchante.

Mais vite la nuit, la nuit d'été;  
tu m'as dit: Pars! je suis resté.

tem, se não nos enganamos, no seu livro Les Vaines Amours, uma série de rondéis, dentre os quais, um, Les Amours de Juliette, terá influenciado a Bilac.

Por dois termos à mão o poema original, serviu-nos-nos, em consequência, da versão que desse rondel fez o também parnasiano MARINUS VALLÉE (Volpúia, 1925):

— Mas, meu amor, que horas serão?

— Deve ser tarde... Eu vou-me embora.

— E' meio-dia ou mais-hora...

— Espera a noite... E lá, então,

— Beija-me... E a febre da paixão,

inevitavelmente, me devorará.

— Mas, meu amor, que horas serão?

— Deve ser tarde... Eu vou-me embora.

A noite chega. Na amplitude

a via-látea esplende agora...

E a noite passa! E rompe a aurora!

E nós na mesma adoração!

— Mas, meu amor, que horas serão?

Valeria a pena um posterior confronto de tal tradução com o original francês, além de se verificar até onde, ao traduzir para vernáculo os versos de Mendes, Martins Fontes, apaixonado admirador de Bilac, teria sofrido, por sua vez, a influência do poeta da Alma Inquieta, dado que a sua versão do rondel francês, muito posterior aos Terceiros, apresenta com este imbricação de palavras e rimas.

Além, tem também Castro Alves uma poesia intitulada Boa Noite, datada de 1868 e epigramática com os versos iniciais da cena shakespeariana, em que há já a nota parafrastrica, o tom de variação do rondel de Mendes e, assim, da poesia de Bilac.

Na poesia do cantor do Navio Negreiro ressumbra um matiz trovadoresco, de vagabundagem sentimental, de fatalismo amoroso, notas típicas do nosso romantismo.

Castro Alves, curiosamente, funco, além disso, as duas cenas shakespearianas do balcão (a do segundo e a do terceiro ato). Ora aproveita um acidente artístico da primeira (a reiteração da despedida), ora um leit-motiv da segunda (a análise da noite e da aurora).

Como o Bilac dos Terceiros, Castro Alves fez obra original, a despeito de parafrastrica, e não obstante o resplendor de peregrinos nomes femininos, fez uma poesia de ambiência poética bem brasileira. Quase sentimos exalar-se dela um effluvio de bogart cheiroso. O seu quase verso-retró (note-se que a poesia de Bilac tem também um verso-retró),

Boa noite, Maria! Eu vou-me embora!

a que o tempo empresta uma perspectiva sugestiva, é um dos mais belos da nossa poesia e, constituído embora de uma frase tão familiar, destaca-se, com uma misteriosa significação, com uma singular virtude escatológica, do seu contexto.

Boa noite, Maria! Eu vou-me embora.

A tua voz, Maria! Não me chama.

Boa noite, Maria! E' tarde... é tarde...

Não me apertes assim contra teu seio.

Boa noite!... E tu dizes — Boa noite,

Mas não digas assim por entre beijos...

(Conclui-se na página 18)

## As raízes da Noite

A noite está dançando flúres, na fronte azul.

Estão fazendo rosas, na noite escura...

Você lá curvado sobre as rosas no silêncio

que se faz quando a terra germina?

As raízes estão crescendo, contra as estrelas,

porque as raízes não querem o céu.

Porque as raízes não querem o céu, queremos o chão.

Mas somos as raízes da noite

que não têm céu, carregada de estrelas.

Os ramos da noite são, talvez, invisíveis

porque ocorrem o sono, sobre as nossas cabeças

e nós alagamos com as corélicas longas do silêncio.

Mas os ramos da noite caem sobre nós,

porque somos as raízes da noite e porque a noite

está no céu carregada de estrelas...

Noite que está no céu, carregada de estrelas...  
Mas não são — enterrados no chão!

CASSIANO RICARDO  
(de Anápolis, Brasil)

## OPINIÕES de Raul Pompeia



A Arte — Arte, estética, estética é a educação do instinto sexual.

Adaptação — Para que o indivíduo perdesse, momento genético da existência específica no tempo, é indispensável adaptar-se às condições do meio universal. O rio a correr não despreza o detalhe do mais insignificante remanso, nem pode sufocar o obstáculo do menor rochedo no alveio. O critério incoerente do instinto é o guia da adaptação.

O desenvolvimento humano — A história do desenvolvimento humano nada mais é do que uma disciplina longa de sensações. A obra de arte é a manifestação do sentimento.

Advento da estética — O primeiro momento contemplativo de um amoroso foi o advento da estética, no gozo visual das linhas da formosura, na delícia auditiva de uma expressão inarticulada, que fosse emitida com expressão, na composição de um contacto, na aspiração inebriante de um aroma indefinido da carne. A obra de arte do amor é a prole; o instrumento é o desejo.

Arte, evolução do instinto da espécie — A arte subjetivamente, o sentimento artístico, nas suas mais elevadas, mais efêmeras manifestações, é simplesmente — a evolução secular do instinto da espécie.

Correspondências — O coração é o pêndulo universal dos ritmos. O movimento lacônico do músculo é como o aferidor natural das vibrações harmônicas, nervosas, luminosas, sonoras. Gradua-se pela mesma escala os sentimentos e as impressões do mundo. Há estados d'alma que correspondem a cor, ou a notas graves da música; há sons brilhantes como a luz vermelha, que se harmonizam no sentimento com a mais vívida animação.

A eloquência — Na sua qualidade de representação primária do sentimento, depois do fato do amor a eloquência é a mais elevada das artes. Daí a supremacia das artes literárias, — eloquência escrita.

A missão da arte — Qual a missão da arte? Originária da propensão erótica, fora do amor a arte é inútil — inútil como o esplendor corado das pétalas sobre a fecundidade do ovário. Qual a missão das pétalas coradas? De que serve a primavera ser verde? As aves cantam. Que se aproveita do cantar das aves? A arte é uma consequência e não um preparativo. Nasce do entusiasmo da vida, do vigor do sentimento, e o alerta. Agrada sempre, porque a curiosidade é contagiosa como o incenso. A alma do poeta invade-nos. A poesia é a interpretação de sentimentos nossos. Não tem por fim agradar.

A arte é imoral — Além de inútil, a arte é imoral. A moral é o sistema artístico da harmonia transplantada para as relações da coletividade. Arte "sui generis". Se é possível eficazmente o regime social das simetrias da justiça e da fraternidade, o futuro há de provar. Em todo caso, a arte diferente e as artes não se combinam senão em produtos falsos de convulsão.

A arte não se observa e cruéis — A verdadeira arte, a "arte natural", não conhece moralidade. Existe para o indivíduo, sem atender à existência de outro indivíduo. Pode ser obscena na opinião da moralidade; pode ser cruel: Roma, em chamas, que espetáculo! — Basta que seja artística.

## OPINIÕES SOBRE RAUL POMPEIA

De Domicílio da Gama:

"Na sua meticulosa honestidade de poeta pensador, Raul Pompeia discia sempre ao que julgava ser os fundamentos inabaláveis da ciência. Um dia encontrei-o que estudava a teoria das vibrações."

\*

"Quem diz paixão, diz violência de desejo, diz incontinentemente de gozo, o depreção moral, e abalimento sucedendo à exaltação e ao entusiasmo. Raul Pompeia era um apaixonado. Porque era sincero e puro, dava-se todo ao seu afeto, de cada vez objectivo em vão."

\*

"Pompéia era torturado pela curiosidade ardente de conhecer o outro lado, o interior, a alma das coisas; sofria a obsessão do mistério da vida, que a nós nos deixa resignados, semia indiferentes. Havia nele a agitação de uma alma divina, orgulhosa, dominadora, que não queria ser possuída sem possuir, e para a qual a posse não existia sem o conhecimento. Esse orgulho defensivo, conciliável com a ternura exuberante, o levava a afirmar o que queria que fosse a realidade, talvez pela ideia obscura de que ela assim seria por força do seu desejo."

\*

De Lucio de Mendonça:

"Escritor original e profundo, de observação penetrante e sutil, era entre nós, em meio tão hostil a tais processos, um psicólogo requintado, um como irmão mais moço dos Iracema, Gonçourt, seus autores prediletos. E, Raul Pompeia se inspirava na própria alma que da natureza ambiente: esta quando muito reflete-se na magnificência e no colorido tropical do seu estilo."

\*

"O túmulo de Raul Pompeia carrega mais de saudades que de louros."

\*

De João Ribeiro:

"Ha temperamentos que não sabem adaptar-se à sociedade, não por serem bárbaros e insuportáveis, mas ao contrário por serem excessivamente sensíveis e delicados. Era assim Raul Pompeia: super-civilizado, super-sentimental. O que para todos nós não passava de contrariedade vulgar, nele criação como uma decepção moral. Sua al-

ma, sonora e ressonante, ampliava todos os ruídos."

"Dizia Capistrano que Raul Pompeia era o único dos seus contemporâneos que lhe dera a rara sensação do gênio. Também não conheci de perto nenhum espírito de tantos recursos, de tamanha grandiosidade de imaginação, como era o dele. Alegre, jovialíssimo, de esufizante aliceragem, era, entretanto, por vezes, atacado de súbita melancolia. E era difícil suportá-lo."

\*

"O seu gênio era muito mais forte que o instinto da vida. Dizem que meteu uma bala no coração para não deformar o rosto, a maneira de Cesar que, na agonia, compunha a toga para morrer com decência. Pobre Raul! A tua memória não desaparecerá da nossa, nem das gerações vindouras!"

\*

De Olavo Bilac:

"Pompéia caiu enagado por uma campanha para que lhe faltava a força de resistência. Tinha talento de sobra para ela, vivacidade no ataque, aristas vivazes, das quais a menos poderosa não era por certo a sua pena adstringida e brilhante. Se agredia, punha toda a força no ataque; feria largo e fundo. Mas o mínimo golpe do adversário, quando lhe vusase a honra, atirava-o inutilizado pelo chão. Caráter intemperado, impetuoso, sem jaca, essas qualidades de brio e de honra inatacáveis eram, por uma contradição, o ponto fraco para a campanha."

## Bibliotecas para as cidades do interior

No dia em que inaugurou em Ilhabela o monumento a Salvador de Mendonça, o governo do Estado do Rio de Janeiro, o governador de Ilhabela, inaugurou, também, de grande significação cultural, e de grande importância pública, a Biblioteca Municipal. A biblioteca, que se iniciou com os seus volumes, talvez pouco mais, mas que certamente irá crescendo com o tempo, a que de qualquer maneira dará aos ilhabelenses ótimos resultados.

A fundação dessa biblioteca — que tomou o nome de Joaquim Manuel de Macedo, em honra ao ilustre romancista que nasceu em Ilhabela — corresponde a um plano do governo do sr. Amaral Peixoto, e um plano muito bem traçado. Nas cidades fluminenses, ainda não dotadas de uma instituição dessa natureza, vai a Ilhabela, promovendo a fundação de bibliotecas, que tenham uma

# A página do dia A obra de Frei Leandro

(Dos ENSAIOS BRASILIENOS, de Roquete Pinto)



Edgar Roquete-Pinto nasceu no Rio de Janeiro, em 25 de setembro de 1884. Doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro. Ex-diretor do Museu Nacional. Professor, naturalista, contista. Entrou para a Academia Brasileira de Letras em 20 de outubro de 1927, na vaga de Osório Duque Estrada.

Obras principais: "Rondônia", 1916; "Seixos rolados", 1927; "Ensaio de antropologia brasileira", 1933; "Sama e m'haia", (contos), 1934; "Ensaio Brasileiro", 1941.

finalidade essencialmente popular. Nelas encontrar-se-ão sobretudo os livros que as crianças amam, os livros que a mocidade procura e dos quais precisa. E que foi observado e notado, inclusive os livros incluídos na biblioteca recém-aberta, são, quase sem exceção, destinados aos jovens e aos adolescentes.

Foi ali um critério lógico e dos mais apreciáveis.

Há no Jardim Botânico uma grande árvore triste que as outras devem invejar: a Jaqueira de Frei Leandro.

Ali o sábio frade, já nos deliquios que as hemoptises prevocavam, animava os escravos do jardim ao trabalho."

"Como formigas, minha gente! Como formigas..." dizia ele na sua voz sempre mansa. Hino ao trabalho, entoado de maneira tão simples e tão sugestiva, que os moços deviam comover. Não há para os instantes de inércia moral, para os momentos tristes, outro remédio melhor que o trabalho. Tudo, às vezes, nessa hora, são trevas e desalento. Mas quando a confiança parece fugir e o ânimo se desceja, basta que a gente mergulhe depressa numa tarefa qualquer, em que haja um laivo de idealismo para que o vigor moral se retempe e de novo reponte, na alma do que se esforça. Na sombra da grande árvore, há um século, surgia assim o singelo conselho inesquecível.

A existência de Frei Leandro foi a tragédia usual na vida dos naturalistas: o desamparo, a hostilidade, a indiferença ou a ingratidão. O escárnio dos que julgam a ciência uma espécie de vadiagem feliz e gosa, quando não descabelada mal-luque.

Mas, felizmente, tem sobrevivido a lembrança e a tradição daqueles mestres, ainda quando muito da sua obra se haja perdido. Com anos faz que o nosso primeiro professor de história natural desapareceu.

Nun século, que é tempo bem curto na vida dos povos, nos conseguimos algo realizar, no caminho da cultura científica. Os sábios que vem de ultra-mar, e todos os meses os recebemos, já não desdenham dos sucessores de Frei Leandro, nem os inéduos europeus prevalecem correntemente contra os estudos feitos no país. O que se tem publicado, nestes quarenta anos de vida república, é já uma imponente literatura científica. O mapa do Brasil já quase não tem os claros antigos pelo esforço dos próprios brasileiros. Odeio e oprimismo dos retóricos; mas na balança imparcial das realizações da minha gente busco forças para caminhar.

Mas, vivemos aqui, é certo, ainda muito jovens, e que trabalham na ciência. Faltam-nos ainda bibliotecas e outros meios de estudos que são hoje quase proibidos aos povos que tem pouco dinheiro. A publicação dos resultados da atividade dos pesquisadores é ainda morosa e falha, no Brasil. Hoje não se admite a falta de documentos gráficos em ciências naturais. E eles precisam ser fideis e por isso são caros. Não temos suficiente independência no trabalho, porque as leis fiscais governam os créditos concedidos às casas de pesquisa técnica, como se fossem instituições puramente administrativas e todos sabem, no entanto, que a investigação e as observações científicas não podem ter hora certa nem lugar fixo... mas vamos, mesmo assim, seguindo a luminosa tradição se evanescer, ainda quando não restasse mais do que aquele despreendimento dos nossos velhos mestres — ali presente estará sempre o renovado prestígio da terra, para arrastar outros tantos, em qualquer condição e em todos os tempos.

Vejo uma lição de beleza imortal na vida humilde de Frei Leandro.

E' o drama perene dos que a Natureza atrai, prende, encanta, deslumbram — para depois abater e enmagar, como se ela quisesse que os seus amigos tivessem, no Brasil, a sorte das árvores que morrem sem ninguém saber, desfeitas no meio — atenuando tumultuário dos capoeiras, nutrido outras que repontam sempre, no triste pó das que se foram.

# NOITADA

(Continuação da página 4)

sem Vozes de Pógaça? "A Moura não lhe vai à Igreja, se não converter!" "Dos burlescos e malicões do dia que se levantam como fazenda alheia." "Dos que arrastam na Igreja." "Dos que deixam perder sua fazenda, perdem a alma." "expulsão minuciosamente como se há de haver a rapariga decorosa vítima da indecência masculina — a qual deve ir de um a outro, com toda a diligência e sem parar, dizendo: "Vá-dez que me fez Poam" estipulando: "e ela deve ser toda carpiada." (Como velho juiz acho louvável a recomendação desta atitude, indolente conveniente do malfeitor de Poam).

Sem defesa contra o turbilhão de larvas mentais que o violentavam e humilhavam, mais uma vez procurou fugir. Porém, ao encontrar a porta, observou que o silêncio era completo e deserto. E instantaneamente e deserte e o silêncio tornou suspeito. Deve haver gente disfarçada pela treva. Tão súbita transformação não lhe parecia normal. Se saísse, com certeza surgiria alguém. Podia mesmo ser um repórter. Os repórteres passam por notívagos. Podia até vir nos jornais. E mais uma vez subiu.

Mas a escuridão sinistra não o largava. Sempre as imagens imodestas, triviais, íntimas, invadiam-lhe a meditação. Reviu certa festa escolar a que assistira longos anos antes, rapazes marciais a cantar hinos belcosos, visando inimigos indefinidos. Em seguida o corpo feminino, das criaturinhas capciosas, de se maternal e alheio, certifica sincopadamente o seu ci-vismo:

Pe-quenas so-mos  
Po-rem na al-ma  
Nos arde a cha-ma  
De pá-trio a-mor

Reviu também uma pobre comilteira alvinegra, doce tímida indigente, cuja coroa, destinada a excluir os quadrupedados, caíra em ruínas. Mas o covardo, zeloso, fincoua em seu lugar um poste, com uma tábua ao alto, onde escrevera laudatoriamente: "He proibido a entrada".

Na diabolos ronda passou o assombroso personagem marinho que tanto impressionou e comoveu.

A cabeça, por gorra, tinha posto numa muy grande casa de la-igota

Surgiu-lhe em seguida o Velho da Montanha, Senex de Monte, Hamaas Sabba por nome civil, e mais uma vez não pôde compreender bem como este homem ausu-veiro e carniceiro (pois não consta que trucidou a própria filha por beber vinho) podia ter sido condado e amigo do suave poeta Omar-Kayam, e qual, a exemplo de Salomão, tanto celebrou a honesta beberagem ("bozum vinum") e os encantos da sociabilidade.

— E' verdade que nem sempre a infância precifigura a maturidade, nem mesmo o faz a adolescência que mostram inúmeros casos históricos, até hagiológicos, tal o de Santo Agostinho, amigo de Alypio, de quem se apurou, em autores do melhor conceito, que por muito tempo não honrara cumpridamente pai e mãe, chegando a subtrair fazenda alheia.

insociáveis antegostavam a realidade, crimes de páo, mas na graça do Senhor.

E dei em pensar na origem dos alimentos, na arruinada acção inicial entre os dons da terra. Voto a eterna disputa alimentar.

Considero ainda uma vez que, sendo os quadrumanos, podem não ser os quadrumanos, pois não são os mesmos antepassados (pretensão de alguns ímpios) até certo ponto os mesmos parentes pobres, e os seguintes regime frutífero, seria talvez aviado fazermos-nos também frutíferos, ao que nos dispõe a simetria dentária. Recordou a cria plantuosa, os deshumanos festins dentários.

E, compelido pelo misterioso magnetismo do fato, pela imaginação degradada a olhar as figuras grotescas e odiosas, sem escolher aferrou-se à primeira diversão. Deprimido sobre a mesa um bloco manuscrito levantou-o. As primeiras folhas continham cartas para o próximo navio, a data da heulou em ler. Mas estavam aborbas e de lá incapaz de delib-berar. Lembrou perfunctorialmente a oportuna permissão do Comendador. Talvez fosse intencional.

Uma curiosidade invencível tomou-o. Eram missivas da corteia. E o Desembargador leu as missivas da corteia. Deviam conter matéria diabólica.

Erão três. Lida a primeira, sem lhe achar o que previa, passou a segunda, e por igual motivo, a terceira. Esperava tudo, menos o que encontrou. Chegou a por em dúvida a autoria. Mas conhecia a letra. O Comendador, valioso, lhe tinha mostrado bilhetes.

Enão leu. Eram cuidados rurais e tocantes. Ao filho ausente recomendava obediência aos avós e assiduidade aos estudos, bem como ao catecismo. A velha mãe anunciava remessa de fundos, e pedia que ficasse por ela uma peregrinação a um santuário de Nossa Senhora. Ao irmão recomendava

pelos saber negligente com as planificações e a saúde do gado, e sobretudo por ser devasso e perdidário. Boa mãe, boa filha, boa irmã. Presidente. Parcimônia. Doutrinação.

Na cabeça do Desembargador, que viera ao lado da vida e não conhecia o amor, operou-se uma estranha mudança. Descobriu que a sebreia, famosa pelos escândalos, pelos abusos uxórios, pelas tentativas de suicídio, tinha um temperamento laiz e conjugal. Entreviu que as atividades femininas, não menos que as masculinas, andam mal distribuídas, e não respectivamente a vocação natural. Há corais escondidos no matrimônio legítimo, corpos votados a domesticidade, tremalhada nas vicissitudes da galanteria.

Pensou que a justiça immanente lhe consentira uma grave indiscreção para extrair dele o ensinamento salutar.

Por fim, reuniu energia para partir. Apagou a luz, deitou de mansinho, saiu. Fora, um prodígio esperava-o.

Seus olhos picados de sono, em lugar da terra prevista, encontraram o milagre da aurora. A escuridão oriental se desfazia em bruma rosada. Uma divina castidade chegava na aragem primeira, como se aquela fosse a primeira manhã da Terra. A brisa lateral veio significar-lhe o rosto em fogo. Avistado pela barra, no horizonte oceânico, uma onda carmesim surgiu, crescer, definiu-se. Era o sol. O velho juiz não se lembrava de ter visto nascer o sol.

E ante o espetáculo insignificante olhos se unideceram de poesia. Sentiu um irresistível desejo do mar. Tomou um eléctrico, seguiu a avenida litoral, foi ter ao Leme. Ali, quando viu o que viu, parecia-lhe que a noite se prolongava num mágico sonho solar.

Entre água e céu de azul um nevoeiro lilás pousava, e dentro dele se entretevia uma urca branca, do-mente espectral. Junto à praia, ao mesmo do lado de arca, corria um regato verde.

Rapazes e raparigas brinavam. Um adolescente apolinado descia, correndo até à margem do regato, lançava-se flexível no ar, e, descrevendo uma curva perfeita, ia mergulhar na corrente. E aquele velho áptero tinha uma graça infatigável de suicídio. Uma mulher contemplava-o com o olhar entorpecido. E o Desembargador pensou que isso nunca lhe acontecera a ele, que nunca foi um lindo rapaz, e as mulheres nunca o olhavam assim. Mas, já sem assestado, extasiado de coisas novas, ouvindo o canter o riso da alegria marinha, desalinhada e plena.

Pensou na própria mocidade, convocou memórias suaves que se levavam das sombras das últimas horas. Recordou o passado, a sua infância filial, o grupo das irmãs ridentes, as suas dias de inocência masculina, de algum modo mais precioso que a feminina, por mais precária e breve, logo perdida nos encontros degradantes, seus primeiros amores de amor, vago e puro, quase impensoais.

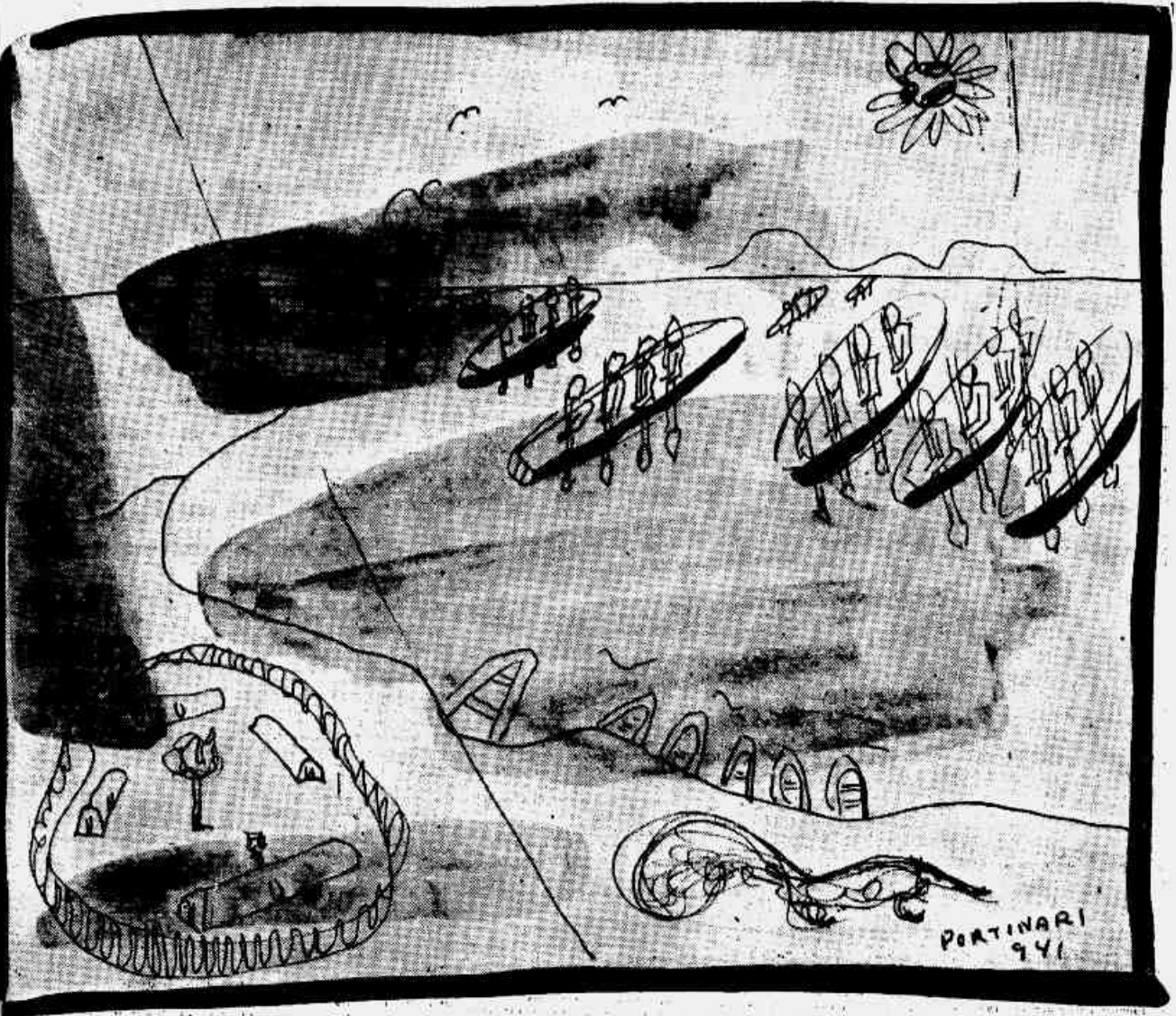
Ao ver duas crianças que desciam da rua como se descessem dum quadro de Rafael, na sua nudez líria, a exemplo do seu cardeal de Bérulle, que se ajoelhava perante a infância, nome imensa ternura eucarística, desejou também falar religiosamente aquelas aparências simbólicas, bel-las, netais se belaste do mundo, das lembranças na sua lússua duma criança, teve recio de a-ju-lá-las. Açou-se feto e fônetico, mistico a tanta glória maternal.

E discretamente afastou-se.

Tráfico da Cunha

(Do livro inédito FÁBULAS RUMANAS).





## UMA PAGINA DE HANS STADEN

Uma notícia surpreendente. No vespertino de Portinari seguiu para os Estados Unidos, onde se encontra em missão de propaganda cultural do nosso país, o escritor brasileiro na casa do grande publicista, tornou-se tornou universal. Foram dizer-lhe que desenhava um trabalho. Seu, pois não compreendiamos que Antares e Lúcio pudéssemos trabalhar a sua carreira sem trazer em seu primeiro número alguma coisa assinada de fazer: uma de suas admiráveis ilustrações para o livro de Hans Staden. Esta ele ilustrando uma obra sua data da infância do nosso país e podemos dizer que a que tem feito para tal livro é para mente delirante, de Staden. Agora é impossível. Aqui damos, portanto, uma página da viagem ao Brasil de Hans Staden, famosamente ilustrada por Hans Staden.

## S E C R E T A

Voltaremos de novo a pequena chácara de plantas, antes que desapareça essa testemunha da nossa meninice. Na verdade, não fomos lá frequentemente, nem conhecíamos, sequer, de nome, o português vulgar que apanhava as flores nos úmidos canteiros e vendia as mudas de trepadeiras em latas enferrujadas. Fazíamos questão de acompanhar o chacareiro, quando ele se erguia, com visível má vontade, e ia apanhar as nossas flores. No meio das casas daquela rua tão comum, onde o bonde passava, e onde havia vendas e quitandas, pobres armazéns do bairro, de repente se abria, num muro velho, caído de amarelo, uma pequena porta de madeira, com uma fôlela misteriosa. Tocava-se uma campainha, que não se ouvia. Muito tempo esperávamos na calçada, com o coração ansioso diante daquela porta, cujo recesso parecia um segredo em que íamos penetrar. Pela rótula, o homem punha de repente sobre nós os seus olhos interrogativos e duros. Ouvía, mudo, o nosso pedido, e não se surpreendia. Retirava da rótula o seu enigmático vulto, que um velho chapéu preto tornava insolto, pois estava sempre de chapéu, embora em casa. Tinha-nos antipatia? Via-nos com indiferença? Sabia que já tínhamos vindo outras vezes? Ou não guardara a lembrança das nossas outras visitas, atendendo-nos sem nos olhar?

A porta se abria, como que por si, e entrávamos para o pequeno caramanchão ou "coberta" junto ao muro, feito com ripas e tábuas sem pintar, onde pendiam, dos pregos, as latas e vasos com musgos, avencas, samambaias. Já aí o ar fresco, sombrio e úmido, nos envolvia. Vinha do fundo o cheiro de terra regada, de folhas e talos verdes, e além da "coberta", que uma trepadeira quase fechava, entrávamos a alameda da chácara, — às vezes chuvosa, às vezes manchada de sol, — com uma escura latada cobrindo os primeiros canteiros, onde as plantas de sombra floresciam.

Contornando a "coberta" havia um banco estreito, onde nós sentávamos. O homem, sem tirar da boca o cigarro, falando entre dentes, ia se inteirando do nosso pedido, e anunciando preços num tom que não nos dizia se a sua vontade era que os julgássemos caros demais ou ao alcance dos nossos desejos. Vinha o momento, enfim, em que exclamava: — vou buscar as flores. (Admitiria que o atropelássemos?). Desde o primeiro dia, com medo de uma negativa, ti-

nhamos resolvido que seria preferível usar. Levantávamos-nos, e o seguíamos. Não me lembro bem da chácara no seu todo (as crianças olham para o chão). Na alameda do meio, junto dos canteiros, havia um sem número de latas, algumas ainda com estampas e letras, onde cresciam mudas de roseiras, de cravos, de jasmim e de várias trepadeiras.

As regas fartas da manhã ainda ensofavam a terra. Uma umidade subia de tudo, impregnava as narinas, que abríamos, seqüiosos por "decorar" a chácara, e levava-la conosco para casa, para sempre. Já naquele tempo a chácara de plantas valia, para nós, sobretudo pelo que recordava. Entrando nela, lembrávamos-nos de Carola. E certo que Carola não morava em nenhuma chácara de plantas, mas havia, entre esta e o quintal onde a víamos outrora, alguma coisa em comum indizível, e talvez o mistério da chácara, que nos fazia bater os pequenos corações com ansiedade, fosse a perturbadora presença de Carola, que revivíamos ali. Era realmente sombrio o quintal, um pouco retilhado da estrada, mas Carola via quem passava junto à sua cerca, e gritava, com trejeitos desesperados, estirando o busto fora da cadeira de braços, que sua mãe encostava ao velho poço do jardim. Detestava quem passasse? Enxotava da sua porta os que a espíavam? As vezes, nos seus gestos havia uma postura de chamado? Talvez quisesse que não teíssemos, que se sentássem um minuto ao seu lado, e se enfurecia por vê-lo passar. Esta última foi a impressão que nos ficou uma tarde — lembras-te? — quando ela nos acolheu com gritos em que ambos julgamos entrever uma risada. Olhamos-nos inquietos, com um vago remorso de continuar. Mas continuamos, e os gritos nos perseguiram, já agora claramente como risadas.

O quintal de Carola, úmido, fresco, com árvores cobertas dessas frutas em que só pensam as crianças, tinha algo em comum com a pequena chácara de plantas que ainda hoje existe, e onde vemos, estranhamente perturbados, quando passamos, um vulto de chapéu preto, talvez o de outrora. A rua vulgar continua a sua existência diurna, pública, acessível aos que passam. Um muro mal caído, com uma pequena porta e uma rótula, nada significa. Só os nossos corações batem, um pouco apressados, se os olhos param naquela fronteira invisível, onde começa um leve mistério.

SAN THIAGO DANTAS

# CORRESPONDÊNCIA DE ESCRITORES

De João Ribeiro a INEZ TELSTCHER

3

de S. Paulo e tendo em cargo na Academia Brasileira de Letras.

A minha carta sobre "Lebenskraft und Aufstiege" seguiu logo em um amarelado carta. É a minha grande amiga grapholôga? As graphologas arrem de vezes a não sabem achar o segredo. Felizmente.

Admire a sua capacidade de trabalho doméstico tão absorvente que não deixa horas vagas para as suas traduções.

Também, apesar de não ser sempre romba e não temer a sua letra e vontade de viver, não faço caso de demore das minhas respostas. Quero dar-lhe um endereço para suas cartas, a meu mandar é João Ribeiro, rua São José, 37, onde passo 2 ou 3 vezes por semana. Não se esqueça de pôr o nome de João Ribeiro, rua São José, 37, onde passo 2 ou 3 vezes por semana. Não se esqueça de pôr o nome de João Ribeiro, rua São José, 37, onde passo 2 ou 3 vezes por semana.

João Ribeiro

RIO DE JANEIRO, 1 DE JUNHO DE 1929.

Minha boa amiga, Tenho presente a sua carta de 27. V.

Mando-lhe inclusive 2 retalhos de artigo do Estado de São Paulo — onde há referência ao seu nome. Mais tarde remeterei outro retalho que poderei obter.

Não penso como o dr. Brandenburger que se deva traduzir de preferência os livros que idem o cheiro da terra. Devemos traduzir os melhores. Machado de Assis é o nome de maior peso na literatura nacional. Os seus contos são admiráveis; várias histórias e histórias sem data.

Devo à gentileza da minha querida amiga a notícia que me chega de Bremen de que em breve terá um livro de Ricardo Much.

Pois no correio a carta que me enviou fechada e registrada para a Alemanha e a que foi dirigida ao dr. Giovanni von Volkmeyer e pelo período de assim proceder, por que não acho bom, por enquanto, promover uma edição nova do Crepúsculo dos Deuses à parte sua ou dos seus amigos alemães.

O Crepúsculo dos Deuses será reeditado facilmente por mim mesmo quando quiser.

Em todo o caso, muito obrigada por todas essas demonstrações que me dá de real amizade.

Espero que viverei muitos anos, mais do que 15 anos que desejo viver para acompanhar a educação da mimosa e bela Lili a que mando um beijinho.

A sua pergunta se sou casado, respondo sim. Tenho mulher, quatro filhas e quatro netinhos. Dos meus filhos, quatro, um homem e três mulheres são casados. É uma prole muito grande e que me dá muito cuidado.

A minha saúde tem sofrido abalos. Estou com 43 anos de idade e trabalho sempre, todos os dias, seja com saúde ou não.

Escrevo para o JORNAL DO BRASIL, para o ESTADO DE SÃO PAULO e também para o DIÁRIO NACIONAL de São Paulo e tenho encargos da ACADEMIA BRASILEIRA.

A minha letra revela "LEBENS-KRAFT UND AUFSTIEG" segundo leio na sua amável carta. É a minha querida amiga grapholôga? Os graphologos erram às ve-



zes e não sabem adivinhar os segredos. Felizmente.

Admiro a sua capacidade de trabalho doméstico tão absorvente que não deixa horas vagas para as suas traduções.

Também espero que me sacraça sempre porque sinto também com as suas letras a vontade de viver.

Não faça caso da demora das minhas respostas. Quero dar-lhe um endereço para as suas cartas: é mandar a João Ribeiro, rua São José, 37, onde passo duas ou três vezes por semana ou se quiser mande para a ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, Av. das Nações. Também é endereço a minha casa de residência, RUA CORRÊA DUTRA, 18.

Admire um beijinho na Lili. E disponha do seu

JOÃO RIBEIRO

## EFEMÉRIDES DA ACADEMIA

19 DE AGOSTO

1912 — Vicente de Carvalho nasceu pela primeira vez à Academia, para a qual linha ainda estava na vaga de Artur Azevedo. Passou a sessão Afonso Celso, que dirigiu o seguinte saudação ao confrade e lhe pediu que, embora tivesse tomado posse de sua cadeira por carta, produzisse em sessão solene e discursar acerca da sua homenagem. Ficou determinado que o Vicente de Carvalho seria substituído pelo Sr. Filinto de Almeida.

1917 — Na ata dos trabalhos lançando um voto de pesar pela morte de Afonso Celso.

Médicos e Albuquerque apresentou um projeto mandando criar seis prêmios anuais, que seriam distribuídos um por mês, do maio a setembro, e se instituiriam Prêmios Proseguente Alves. Esses prêmios destinariam a livros de contos, romances, poemas, histórias, obras, trabalhos de filologia, sobre o Brasil.

19 DE AGOSTO

1925 — Nasceu no Maranhão, no sítio Boa Vista, terra de Jatobá, filho de Caxias, o grande poeta Gonçalves Dias. Filho de pai português e mãe mestiça, morreu em 2 de novembro de 1954, na residência de "Vila de Bolognina", na zona do Maranhão. É patrono da cadeira n. 15, que foi criada por Gonçalves Dias. Nela sentara-se em substituição ao cantor da Vila Verde Amador Amaral e hoje senta Guilherme de Almeida.

1926 — Eleição de Francisco de Castro, para a cadeira n. 15, em substituição ao Visconde de Albuquerque. Foi eleito Francisco de Castro, sucessor de Martins Junior, que sucedera a Francisco de Castro.

11 DE AGOSTO

1944 — Nascimento de Tourinho de Castro, o economista. Filho de Maria de Direza. É patrono da cadeira n. 27, que foi criada por Silva Ramos. Nela sentou-se depois Alcântara Machado e agora senta o Sr. Getúlio Vargas.

1945 — Nascimento no Rio Grande do Sul de Artur de Oliveira, o patrono da cadeira n. 8, que tem como criador o Sr. Filinto de Almeida.

12 DE AGOSTO

1910 — Poeta de Paulo Barreto eleito em substituição a (Guimarães)

Pauzeos.

12 DE AGOSTO

1974 — Nascimento, no colégio do Sacramento, de Hipólito José de Castro, o patrono da cadeira n. 17, criada por Silvio Romero. Não sentou-se, em substituição ao grande crítico, Osório Duque Estrada. É seu ocupante atual o Sr. Filinto de Almeida.

1911 — Nascimento de Domingos José Gonçalves de Magalhães, o patrono da cadeira n. 9, que foi criada pelo Sr. Magalhães de Almeida.

14 DE AGOSTO

1906 — Poeta de Mario de Alencar, na cadeira de José do Patrocínio.

1908 — Poeta de Sr. Afrânio de Azevedo na cadeira de Euclides de Cunha.

1912 — Poeta de Felix Pacheco na cadeira de Arraújo Junior.

12 DE AGOSTO

1906 — Nascimento de Herculano Guimarães, em Ouro Preto, o patrono da cadeira n. 1, que foi criada por Almeida de Castro ocupada pelo Sr. Afonso Celso.

1909 — É assassinado, na Estrada Real de Santa Cruz, o filiado da Piedade, Euclides de Cunha.

1913 — Eleição de Emílio de Moraes para a cadeira n. 10, que tem como patrono Joaquim Manoel de Macedo e que foi fundador de Mendonça.

## FONTES DE UMA POESIA

(Conclusão da página 12)

Mas não me diga descobri de uma, — Mas de amor onde vagava meus desejos.

Julietta do céu! Ouve... A calhandra Já rumoreja e casto da matilha. Tu dizes que os anjos... Pois foi mentira... Quem cantou foi teu filho, sálva!

Se a estrela d'alva os derradeiros raios derrama nos jardins do Capuleto, em diris, me esquecerás d'alvorada: — E' não ainda em teu cabelo preto...

E' não ainda! Brilha na cambra — Desmanchado e roupe, a espada sua — O gl'ho de teu peito entre as armadas como entre nevas se balança a lua...

E' não, pois! Durrummo, Julietta! Resende a alveia ao trescar das flores. Fechamos sobre nós as portas coradas — São as luzes do arcação dos amores.

A frota luz da alabastina lâmpada lambe volutuosas as teus contornos... Oh! Deixa-me esquecer logo os divinos de fundo alago de meus lábios mores.

Mulher do meu amor! Quando os meus beijos tremem tua alma, como a lira se volve, Das teclas de teu seio que harmoniza, que ecoa de súbitos bebo alento!

Al! Canta a cavatina do Sefir, Et, suspira, soluça, aninha e chora... Marlen! Marlen! E' não ainda. Que importam os raios de uma nova aurora?

Como um negro e também firmemente, sobre mim desceste teu cabelo... E deitas-me dormindo balbucando — Boa noite, formosa Constança...

Existem novos versos, em relação aos Terceiros, os mesmos encontros de palavras e rimas que notamos entre o Bilac tradutor de Shakespeare, o Bilac parafrazeador e Martins Fontes, tradutor de Mendis.

Com isto, atingimos a questão da forma, terreno perigoso em que as aproximações literárias, as "impreações" podem assumir gravidade, embora não assim no caso presente.

Intelectualmente, o uso de haver Bilac versado a sua variação em terceto — poema de forma fixa que a seu sub-consciente talvez lhe haja dilata, para a ordenação, numa estrutura precisa e cerrada, de elementos diversos — é significativo como operação de estilização, de condensação, de sublimação.

Por outro lado, a escolha, nos Terceiros, do verso decassilábico — metro mais da índole da nossa língua do que o alexandrino escolhido por Bilac para a sua tradução de cena shakespeariana — seria também na poesia consequência já de um processo de assimilação e filtração, natural, espontâneo, ou por absorção de Castro Alves.

Mas não param aí as fontes dessa poesia tão bela, tão significativa de Bilac e tão original, a-pesar-de tudo. Dele, dois versos, justamente populares, se destacam pela força de expressão: o verso-refrão que serve de fecho aos tercetos e o belíssimo decassilabo que anda de boca em boca:

Escandalosamente perfumado!

Além da bela idéia que contém, — verdadeiro achado da poesia amorosa — esse verso, pelo seu movimento, pela graça imprevista da sua audácia (tudo isso servindo para corroborar o sentido das palavras), oferece campo para uma lição de técnica poética, pois há nele um paradoxo.

Gramaticalmente, é um dos decassilabos mais curtos da língua, formado que é por duas palavras apenas (Guimarães Passos mais tarde o hialaria, exagerando e requinte com notável mau gosto, ao terminar um

soneto decassilábico com este superlativo: "misericordiosissimamente"); metricamente, além disso, tem ele, a rigor, nove sílabas, de vez que a sua primeira sílaba é absorvida pela última do verso anterior:

E todo pelo aroma do teu beijo escandalosamente perfumado.

No entanto, o escandir obrigatoriamente moroso do advérbio, na re-citação, torna o verso num dos mais longos decassilabos portugueses, não se diga que pela mesma razão que alonga o de Camões

Por suas longas águas se encostaram

ou o de nossa autoria (exceção da poesia)

Aqueles nozinhos longos noites frias,

que devem a extensão que os aproxima de alexandrino à sugestão de qualificativos longos.

\* \* \*

Tal verso de Bilac, todavia, é, apenas com a mudança de uma única palavra, a repetição de um verso de Raymundo Corrêa em poesia dos Versos e Verdades (1887), datada de 1886, isto é, de decolito anos antes da publicação dos Terceiros no volume das Poemas de Bilac (segunda edição). Citemos, para melhor compreensão, as três primeiras quadras desse poesia:

De certo, se poderia a essa mural pálido e atroz melancolia porbejar um nariz de papetito;

e, riado e cachimado, — excruciante jornal, — acompanhando o bando de mascarados deste carnaval;

e as jovens damas belas seguidas, em saia alva, e gordo braço dela escandalosamente beliscar.

O verso de Raymundo Corrêa, nesta última quadra anacolítica, é tecnicamente o mesmo de Bilac. Mas em Raymundo Corrêa, o sentido que transcede a significação dos vocábulos é não só diferente, como oposto ao de Bilac.

Embora no dístico, como acrescentamos, haja um paradoxo de ordem técnica, enquanto na ordem lógica as palavras se associam com propriedade (o perfume é de si escandaloso), no de Raymundo Corrêa a singularidade é de ordem psicológica: beliscar é ação geralmente subreptícia — e a associação que o poeta faz das duas palavras tem quase a significação de uma antítese.

É digno de nota também, que não só o verso em questão de Raymundo Corrêa é agudo, como toda a poesia de que ele faz parte apresenta alternância de graves e agudos, enquanto a de Bilac é toda de graves.

No verso do primeiro, o verbo beliscar (que significa ação a que associamos a idéia de surpresa, de violência rápida) forma com o escandir do advérbio escandalosamente uma curiosa contradição, tanto mais se se atentar em que se trata de palavra aguda: em Bilac, ao contrário, o adjetivo perfumado, grave e reticencioso, é um natural complemento estético ao advérbio — e o verso se prolonga como um efêvio, pela associação feita das duas palavras, ao passo que o de Raymundo Corrêa é rápido, rápido, curto.

Tal rito de sugestões, é, aliás, o paralelo entre os dois versos tão semelhantes na forma, aparentemente, e tão diversos nos vários aspectos sob os quais podem ser examinados, que por ele seria possível fazer-se um estudo litero-psicológico (sendo melhormente se a análise se entendesse, de modo geral, as duas poesias de que fazem parte) dos dois grandes poetas mores.

\* \* \*

Tudo os diversos elementos, de tema e de forma, que entraram, por inspiração, na composição de esta poesia original, a-pesar-de tudo, e característicos de um grande poeta.

Plágio, parentesco? Não. Legitimamente: impreação, sublimação, telegrafia, vida.